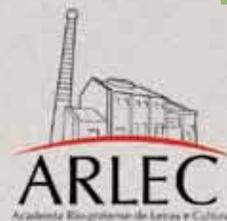


Capiiuara

Edição nº 2 - Julho/Dezembro 2017



1



Lézio Junior assina caricatura de Carlos Daghljan, que faleceu dia 16 de setembro do ano passado e é homenageado nesta edição



Lézio Junior



índice

- 4 [Fragmentos de memória – Quase uma elegia](#)
por Antonio Manoel dos Santos Silva
- 6 [Multis Ille Bonis Flebilis](#)
por Antonio Manoel dos Santos Silva
- 7 [Conversar com Carlos](#)
por Rosalie Gallo y Sanches
- 8 [Esperanto, língua internacional](#)
por Benedicto Silva
- 12 [Abatedouro e Agosto](#)
por Walter Merlotto
- 13 [Cidade e Parâmetro](#)
por Walter Merlotto
- 14 [Um belo encontro](#)
por Alberto Gabriel Bianchi
- 16 [A lenda do Rei Leir](#)
por Alfredo Leme Coelho de Carvalho
- 17 [Hamlet](#)
por Alfredo Leme Coelho de Carvalho
- 18 [Semiótica](#)
por Antonio Carlos Del Nero
- 19 [Mens sana in corpore sano](#)
por Antonio Carlos Del Nero
- 20 [A patriótica missão comercial das putas à Itália](#)
por António Paixão
- 24 [Um passeio no passado](#)
por Humberto Sinibaldi Neto
- 28 [Às mães](#)
por Jayme Signorini
- 29 [Luta de Titãs](#)
por Jayme Signorini
- 30 [Desilusão em um pobre país rico](#)
por José Luiz Balthazar Jacob
- 32 [As perdas](#)
por José Luiz Balthazar Jacob
- 34 [A história de todas nós](#)
por Joyce Cavalcante
- 36 [Sobre a poesia que vende](#)
por Marcos Siscar
- 38 [A trajetória da mulher ao longo dos tempos](#)
por Rosalie Gallo y Sanches
- 44 [Sentido do Carnaval](#)
por Salvatore D' Onofrio
- 46 [Água de Rio Preto é mineral](#)
por Samir Felicio Barcha
- 48 [A arte de retratar](#)
por Sérgio Vicente Motta

Editorial

Uma revista que nasce é alegria, vibração, energia, mas essa segunda edição da Kapiiuara é de saudade. Três grandes nomes nos deixaram: Carlos Daghljan, Alfredo Leme Coelho de Carvalho (ambos de Rio Preto) e Antônio Cândido.

Daghljan faleceu em 16 de setembro de 2016, aos 77 anos. Especialista nas obras de Emily Dickinson e Edgar Allan Poe, era intelectual de peso, professor aposentado de literatura norte-americana, homenageado como emérito pela Unesp/Ibilce Rio Preto. Ocupava a cadeira nº 35 da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura.

Escreveu os livros “Os Discursos Americanos de Joaquim Nabuco” (1988), “As Técnicas de Persuasão em Moby-Dick” (2011) e “Emily Dickinson: A Visão Irônica do Mundo” (2016), além do capítulo “Poe in Brazil”, no livro “Poe Abroad” (1999). Também organizou os livros “Poesia e Música” (1985), com o capítulo de sua autoria, “Musicalidade na Poesia de Emily Dickinson: Influência e Repercussão”.

Alfredo Leme Coelho de Carvalho faleceu no dia 6 de maio deste ano, aos 85 anos. Um dos mais produtivos intelectuais de Rio Preto, teve sua vida acadêmica e profissional ligada ao Ibilce/Unesp de Rio Preto, assim como Daghljan. Ocupava a cadeira nº 2 da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura.

Estava em plena atividade, finalizando a publicação de edição revista e ampliada de “O Simbolismo Animal na Obra do Padre Manuel Bernardes”. E ainda pretendia escrever sobre a moral dos personagens da obra “Dom Casmurro”, de Machado de Assis.

Antônio Cândido faleceu em 12 de maio deste ano, aos 98 anos. Era um dos principais estudiosos da literatura brasileira, além de sociólogo, literato e professor universitário.

Começou a carreira como crítico, avaliando obras de autores importantes na literatura brasileira, como João Cabral de Melo Neto e Clarice Lispector. Foi professor da USP e da Unesp de Assis.

Dentre os inúmeros prêmios recebidos estão o Jabuti (quatro vezes), Juca Pato, Camões e Machado de Assis.

A segunda edição da Kapiiuara homenageia post mortem estes três grandes nomes, que tão bem souberam entender a essência da literatura, cuja “tarefa é ajudar o homem a compreender-se a ele mesmo”, segundo Gorki (Rússia 1868-1936). “O melhor de mim devo-o aos livros”, dizia.

Mas as leituras são das mais diversas, inclusive a última contribuição do prof. Coelho. Esperanto, Carnaval, poesia, teatro e um artigo supimpa do Samir Barcha.



Fragmentos de Memória - Quase Uma Elegia

(Para Elza, em memória de Carlos Daghljan)



Foi no dia 1º de março de 1967, quarta-feira. Era de manhã, não me lembro bem que hora. Lembro-me do calor. Havia chegado de Curitiba no dia anterior. Viera para assinar contrato como Instrutor (hoje seria Auxiliar-de-Ensino), assistente na cátedra de Espanhol que era regida pelo Professor Doutor Guillermo de la Cruz Coronado. Vinha eu para ministrar as aulas de Literatura Hispano-Americana na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto, a FAFI.

O prédio da faculdade era modesto, acanhado mesmo se comparado com o monumental edifício da faculdade onde me formara, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Paraná, em Curitiba. Ficava, a FAFI, na rua General Glicério. Vindo do centro, cheguei ali sem dificuldades; procurei a secretaria e me apresentei ao secretário, de nome Mauro. Quase ao mesmo tempo, alguém do meu lado se apresentava também. Era o Carlos Daghljan, que viera de São Paulo para ministrar aulas de Literatura Norte-Americana, que

fazia parte da Cátedra de Inglês, regida pelo professor Alfredo Leme Coelho de Carvalho.

Enquanto esperávamos os papéis para assinatura, o Carlos puxou conversa. Voz mansa, me falou de sua ascendência armênia, de sua formação na USP, de seu mestrado nos Estados Unidos, do convite que recebera para trabalhar na Faculdade. Tinha um jeito de turco, conforme aquela figuração que se costumava fazer de todos os descendentes de sírios, libaneses, armênios. Depois fomos conhecer o prédio: salas de aula, gabinetes, auditório. Ele fez então alguns comentários cheios de humor, alguns quase irônicos. Ficamos amigos. Essa amizade se fortaleceu ao longo do tempo e durou até sua morte, no dia 16 de setembro de 2016. De certo modo, a amizade ainda subsiste nas recordações. Por alguma razão que desconheço, eu o chamava de Daghljan, raramente de Carlos (só em momentos solenes ou em cerimônias e eventos oficiais).

Foi um professor participativo em muitas ações que permitiram ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências

Exatas (IBILCE) da UNESP chegar ao patamar de qualidade em que se encontra hoje. Deixo registrado que teve papel decisivo na criação do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Bacharelado em Tradução. Numa época em que a contratação de docentes se fazia por indicação da chefia, auxiliou-me bastante na busca e qualificação do corpo docente do curso de Letras, quando fui chefe do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas do IBILCE (indicava-me os professores a serem contratados, ajudava-me na avaliação prévia apoiada em informações fornecidas pelas instituições, apontava os riscos possíveis e ao mesmo tempo as possibilidades de sucesso).

Foi fundamental sua assessoria quando me candidatei a Reitor da UNESP e, depois, durante minha gestão (1997-2001), participou como membro titular da comissão central mais espinhosa da universidade, a CPRT, Comissão Permanente de Regime de Trabalho.

Afora esse lado de atuação parceira nas esferas administrativo-acadêmicas, não posso deixar de ressaltar duas atuações dele em nível nacional: a liderança na criação da ABRAPUI (Associação Brasileira de Professores Universitários de Inglês) e a cooperação na criação da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC). Estas são, hoje, duas instituições poderosas.

Poderia referir aqui as muitas dissertações (Mestrado) e teses (Doutorado) que orientou. Aliás, a primeira dissertação defendida no Curso de Pós-Graduação em Letras do IBILCE foi orientada por ele; era um estudo sobre "Crime e Castigo", de Dostoiévski, defendido por Elzo Aparecido Velani. Se não me falha a memória, foi o primeiro, no Brasil, a aceitar que se defendessem teses e dissertações sobre Tolkien. Para resumir, foi um formador de quase uma centena de mestres e doutores em Literatura e Teoria da Literatura. Quase todos eles choraram sua morte; outros se esqueceram, conforme se lamenta na famosa elegia camoniana.

“É a vida”, comentaria Daghljan, se estivesse vivo.

Gosto de recordar que trabalhamos juntos na escrita de dois artigos. O primeiro saiu publicado na “Folha de Rio Preto”, sob o título de “Fahrenheit 451: Os bombeiros são fogo, mora!”. Tratava-se de uma análise e interpretação do filme de François Truffaut, “Fahrenheit 451”. O título brincava com um jargão repetido pela jovem guarda,

mas o conteúdo se opunha à brincadeira, pois criticava o filme, adaptação de um texto de Ray Bradbury, segundo visões filosóficas existencialistas e proto-existencialistas (Kierkegaard, Karl Jaspers, Martin Buber, Heidegger, Mounier e Sartre) sobre as quais Daghljan e eu gostávamos de conversar nas horas vagas ou de descanso. O artigo saiu em dois dias de novembro e um dezembro de 1967.

O outro artigo, de natureza comparatista, foi publicado em 1978, na revista “Estudos Anglo-Hispânicos”. Levou o título de “Three Sermons to the Fishes”. Consistiu de um estudo que pôs em contraste três situações semelhantes, presentes no capítulo quarenta de “I fioretti di san Francesco”, no “Sermão de Santo Antônio” (aos peixes), de Antonio Vieira, e no capítulo 64 de “Moby Dick” ou “A Baleia”, de Herman Melville.

Os dois grandes estudos feitos por Carlos Daghljan foram suas teses de Doutorado e de Livre-Docência, respectivamente, sobre Herman Melville e sobre Emily Dickinson. A primeira foi publicada em 2010 com o título de “As técnicas de persuasão em Moby-Dick”; a segunda, mais recentemente ainda, levou o título de “A visão irônica do mundo”. Como escrevi noutro lugar, o livro sobre Melville constitui um aproveitamento moderno e exemplar da tradição e, dentro dessa tradição, de Aristóteles e das lições que deixou com sua insuperável “Retórica”, submetida ao universo da ficção narrativa, portanto, retomada segundo outras condições. A segunda tese tem como foco um procedimento figurativo e estruturante da linguagem poética da poeta norte-americana mais importante do século XIX. Ambos os livros são essenciais para o conhecimento não só das literaturas em língua inglesa, mas da literatura universal nas duas vertentes em que se manifestam: a grande ficção e a densa poesia.

Que mais poderia eu acrescentar a esses fragmentos de memória? Apenas recolheria acontecimentos partilhados que acabariam por me conduzir a ver o passado segundo a régua do presente. Seria uma longa história narrada como elegia.

*Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras do IBILCE-UNESP, e membro (cadeira nº 27) da Academia Riopretense de Letras e Cultura.



Multis Ille Bonis Flebilis

(Para Elza, em memória de Carlos Daghlian)

Ele morreu chorado por muitos bons.

Morreu?

Não pode ter sido, ainda que a saudade testemunhe

E lamente que não se encontra mais alguém

Que se lhe assemelhe em bondade e compaixão

Ou, seria melhor dizer, generosa doação.

Morreu mesmo?

Não pode ter sido, já que seu humor reaparece

Muitas vezes, dia a dia, para que possamos compreender,

Melhor e humanamente,

Atos injustos, traições despudoradas e mesquinhos

Gestos que se comprazem nos pecados alheios.

Morreu mesmo?

Se morreu, por que ainda o ouvimos a interpelar

Hermann Melville e o padre Mapple

Que se abrigou no púlpito inacessível

Negando-nos a escada de cordas?

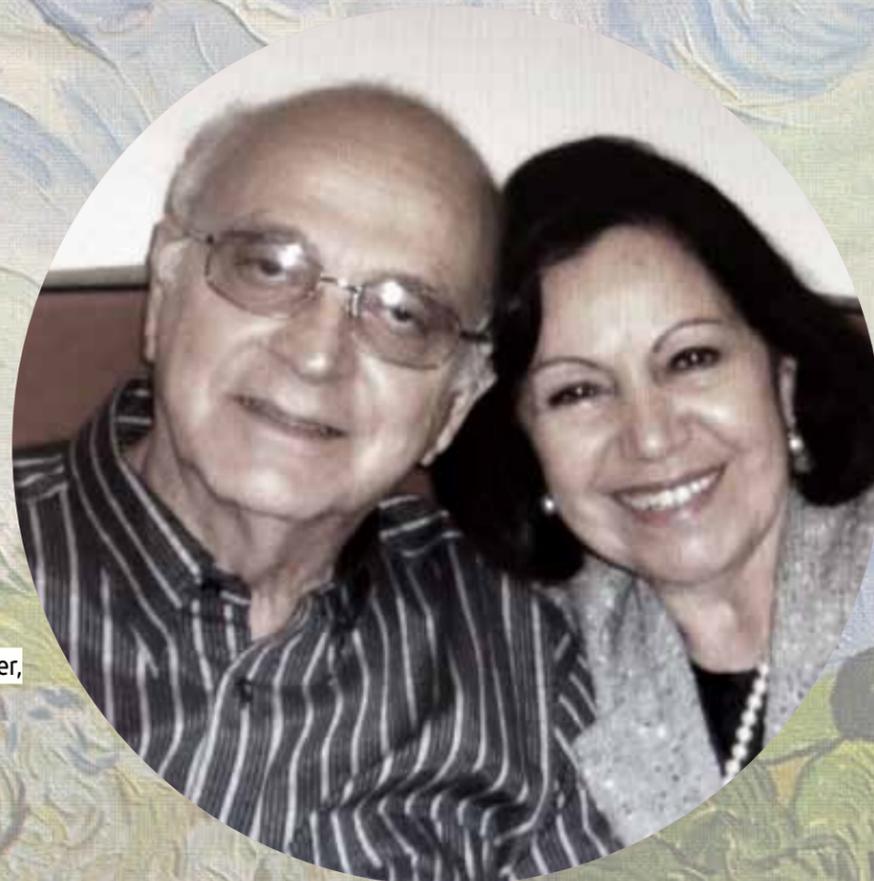
Morreu mesmo?

Não pode ter sido, uma vez que a Emily nos visita

E nos diz que ela não cessa

De conversar com ele – sempre sorrindo --

Sobre o diálogo entre a Morte e o Espírito.



No terreno incerto da ironia em seu sentido mais puro e elegante, muitas pessoas não sabiam como se comportar diante de Carlos. Difícil entender, para uma pessoa comum, como pensa e fala alguém ímpar.

Conheci Carlos quando ele chegou a Rio Preto para começar suas aulas. Trazia na bagagem os manuscritos de sua tese de mestrado, que tive a honra de datilografar (sim, datilografar!), estêncil por estêncil, para que pudesse apresentar suas reflexões e sua admiração por Emily Dickinson, a poetisa que eu também já conhecia desde os tempos do curso clássico.

*I died for beauty, but was scarce
Adjusted in the tomb,
When one who died for truth was lain
In an adjoining room.*

*He questioned softly why I failed?
"For beauty", I replied.
"And I for truth, - the two are one;
We brethren are", he said.*

*And so, as kinsmen met a night
We talked between the rooms,
Until the moss has reached our lips,
And covered our names.*

*Morri pela beleza; mas apenas
Na tumba me ajeitara,
Outro, na cova junto, foi deposto,
E que pela Verdade se finara.*

*De manso perguntou – Por que morreste?
- Pela Beleza, respondi-lhe então.
- E eu, pela Verdade. Ambas se valem.
Ambos somos irmãos.*

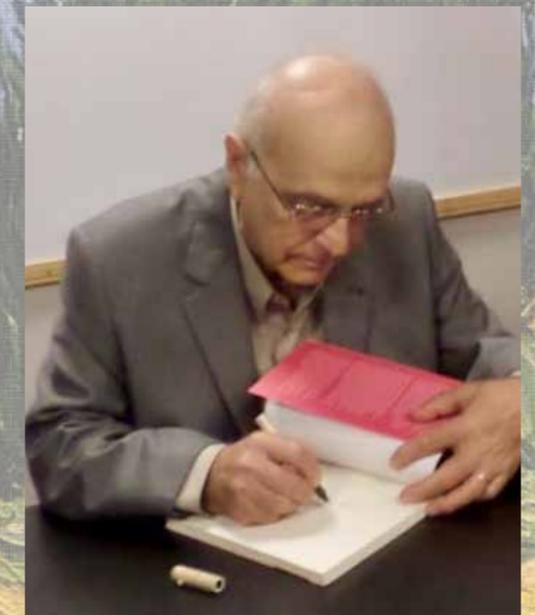
*Assim, paredes-meias dialogamos
Quais parentes que a noite congregasse,
Até que o musgo nos cobrisse os lábios
E nossos nomes apagasse...*

(Tradução de Olívia Krähenbühl)

Rosalie Gallo y Sanches



Conversar com Carlos



Nunca nos afastamos. Fomos - e ainda somos - amigos próximos, sem invadirmos, mutuamente, nossas vidas pessoais. Foi um dos maiores privilégios que experimentei em minha vida. E com a mesma avidez cultural com que comecei a trabalhar com ele, na década de 1960, como sua primeira monitora, voltei a procurá-lo como orientador de meu doutorado em Teoria Literária, terminado em 2005. Rimos muito, conversamos muito, aprendi muito. E continuamos a fazer isso na Academia. Eu, a aprendiz; ele, o mestre.

Morremos pela Beleza e pela Verdade, diz Dickinson. Que possamos continuar a conversar, amigo Carlos, "até que o musgo alcance nossos lábios e cubra nossos nomes."

Benedicto Silva*

ESPERANTO, LÍNGUA INTERNACIONAL

Dom o progresso vertiginoso da tecnologia, em geral, e dos meios de transporte e comunicação, em particular, os seres humanos, de todas as nacionalidades, de todas as raças e de todas as línguas, estão física ou geograficamente cada vez mais próximos.

Entretanto, se as distâncias diminuíram ou desapareceram quase que totalmente, perduram ainda, entre os seres humanos as terríveis barreiras constituídas pela diversidade das línguas nacionais. E isso não ocorre apenas no vasto cenário internacional. Se voltarmos a nossa atenção para o interior de muitos países, não apenas de imensos territórios, mas também pequenos, descobriremos que a par de suas línguas nacionais são falados ainda um ou diversos dialetos (Itália, Suíça, França, Geórgia etc.). Com um território de dimensões continentais, pelo menos nisto o Brasil constitui feliz e rara exceção.

Dessa pluralidade de línguas e dialetos provém não apenas a dificuldade de comunicação, mas também — o que é pior — problemas de rivalidade entre os grupos idiomáticos e dialetais.

Há cerca de dois mil anos, com a expansão do Império Romano, o latim chegou a dominar quase toda a Europa, de leste a oeste, avançando também para o norte, até à antiga Britânia.

O inglês é hoje, indiscutivelmente, a língua internacional de que dispõem atualmente, desde o indivíduo, até as grandes organizações políticas, científicas, filosóficas, artísticas, comerciais, desportivas etc. etc.

Se o este idioma satisfaz eficientemente o papel de língua internacional, por que cogitar de uma língua “artificial”, como o esperanto? — hão de arguir.

A resposta a esta indagação baseia-se principalmente em dois fatos:

1º - Todas as línguas nacionais são difíceis, porque ricas ou carregadas de irregularidades, exceções etc.,

exigindo o seu aprendizado longo e penoso esforço.

2º - A adoção de uma língua nacional como instrumento de comunicação internacional suscita, inevitavelmente, certo e inevitável ressentimento, ou ciúme, em outros povos, falantes de outras línguas igualmente ricas e cultas (por exemplo: o francês, o italiano, o alemão, o chinês etc.), que não são, também, de fácil aprendizado, principalmente por estrangeiros.

Inspirados principalmente nesses dois argumentos, há séculos numerosos filósofos, cientistas e linguistas de muitos países vêm cogitando da criação de um idioma

internacional que seja ao mesmo tempo fácil, eficiente e de rápido aprendizado.

Não é preciso dizer que, no afã de solucionar esse grande problema, aqueles precursores apresentaram os mais fantasiosos projetos, chegando a utilizar, para a comunicação, não apenas os tradicionais elementos gráficos e fonéticos, mas também notas musicais, algarismos, hieróglifos etc.

Foi nessa esteira de lutas e esperança que teve lugar a história do esperanto e de seu criador, o médico Lázaro Luís Zamenhof (1859-1917), nascido na cidade polone-



sa de Bialistok, na época habitada principalmente por poloneses, alemães e judeus.

Filho de judeus-poloneses, ainda na infância Lázaro Luís assistia, em sua cidade natal, a terríveis cenas de violência, de que eram vítimas principalmente os patriotas de seus pais: os judeus.

O horror gerado por essas cenas já fazia Lázaro Luís, ainda pequeno, entender que aquela animosidade tinha raízes num só fato: a xenofobia. E isso ele atribuía, em grande parte, à falta de compreensão, causada principalmente pela diversidade de línguas ali faladas. Dessa incompreensão, — deduzia ele, — provinha o ódio a tudo e a todos que fossem estrangeiros.

Essa realidade inspirou-lhe, já cedo, não apenas a criação de uma língua internacional que uniria os homens de todas as raças e nacionalidades, mas também uma espécie de filosofia humanística e fraternal, que ele denominou Homarismo, ou ideia interna, e que seria como que a espinha dorsal daquele sonhado idioma internacional que, já na adolescência, ele esboçara para oferecer à humanidade como o caminho para o entendimento recíproco.

Assim, em julho de 1887, já adulto e formado em medicina, Zamenhof publicou pequena brochura intitulada “Língua Internacional — Prefácio e manual completo”, sob o pseudônimo Dr. Esperanto. Na nova língua, o vocábulo esperanto significa: aquele que espera. Esse livreto Zamenhof escreveu em seis idiomas: esperanto, inglês, francês, alemão, russo e polonês, para distribuí-lo mundialmente. Mais tarde, os adeptos da nova língua passaram a denominá-la ‘esperanto’, inspirados no pseudônimo de Zamenhof.

É interessante notar que Zamenhof, formado em Medicina, criando o esperanto, celebrizou-se como eminente linguísta e literato. Ao lançar mundialmente a estrutura linguística do esperanto, ele também legou aos futuros esperantistas um estilo modelar, caracterizado pela exposição clara, simples e elegante do pensamento, a ponto de, para tornarem-se bons esperantistas, deverem seus adeptos procurar imitar o seu estilo: claro, simples e elegante. De fato, Zamenhof deixou um sem-número de páginas consideradas clássicas e, ao mesmo tempo, claras, simples e, portanto, modelares. Os escritos de Zamenhof, tanto originais como traduzidos de diversos idiomas: polonês, inglês, alemão, francês e hebraico, são coroados, por assim dizer, pela tradução, diretamente do hebraico, do Velho Testamento.

Decorridos mais de cem anos, possui hoje o esperanto um número relativamente significativo de cultores no Oriente e no Ocidente, quase todos filiados a diversas associações nacionais e internacionais, referentes a diversas profissões, religiões, filosofias, literatura, ciências, esportes, filatelia, xadrez.

A Universala Esperanto-Asocio (Associação Universal de Esperanto), com sede em Amsterdam, Holanda, edita, desde o início do século passado, uma revista mensal, e mantém uma Academia que tem a finalidade de manter a unidade da língua internacional no mundo. Esta organização é mantida por sócios que ela tem em mais de cem países.

Desde o seu aparecimento, em 1887, o esperanto vem se enriquecendo com uma literatura que já conta com milhares de obras originais e traduzidas. Assim, as obras mais expressivas da literatura mundial já se acham vertidas ao esperanto, como, por exemplo: o “Bhagavad-Gita” (traduzida no Brasil diretamente do original em sânscrito); a “Odisseia”, do grego; a “Eneida” e dezenas de obras, de todos os gêneros, da rica literatura latina; “A Divina Comédia” e demais obras de Dante Alighieri; “Don Quijote de la Mancha”, de Cervantes; “Kalevala”, poema épico da literatura finlandesa, além de muitos nobéis, como Selma Lagerlöf, Tagore, Kawabata, Grass, Hesse, Hemingway, Sartre e, ultimamente, o encantador e intrigante “Mi inventas la mondon” (Eu invento o mundo), de Wislawa Szymborska (1923-2012), poeta polonesa e nobel de literatura em 1996. Da literatura brasileira já foram vertidas ao esperanto dezenas de obras de prosadores e poetas, como Machado de Assis, José de Alencar, Graça Aranha, José Américo de Almeida, Jorge Amado, Graciliano Ramos.

Desde 1949 corre mundo, em bela tradução, a excelente biografia de Rui Barbosa, de autoria de Fernando Nery. “Os Lusíadas” foi editado em esperanto em 1980, na tradução do esperantista brasileiro Leopoldo H. Knoedt. Essa tradução modelar foi lançada pela editora esperantista Fonto, de Chapecó-SC. Graças ao idealismo de seu fundador, Gersi Alfredo Bays, essa editora já lançou mais de uma centena de obras em esperanto, tanto originais como traduzidas, da literatura brasileira e mundial. Alfredo Bays é também escritor esperantista, autor do romance “La Profeto el Pedras”, que corre mundo numa esmerada edição. Desde o início de sua existência o esperanto tem encontrado ambiente propício em nosso País. Homens



de cultura, professores universitários e até mesmo personalidades de nosso Governo têm apoiado, de certa maneira, o movimento esperantista no Brasil. Basta dizer que nosso País foi o primeiro no mundo a considerar o esperanto língua clara para os telegramas nacionais, graças à resolução tomada, em 1906, pelo então ministro da Viação, Dr. Lauro Müller, por solicitação do deputado Medeiros e Albuquerque. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) não apenas usou, durante muitos anos, o esperanto em algumas de suas publicações, como também já pôs sua gráfica a serviço do movimento esperantista, editando álbuns de fotografias de cidades e capitais brasileiras, e até mesmo antologias de estudos brasilienses, como *Tipoj kaj aspektoj de Brazilo* (Tipos e Aspectos do Brasil), 1945, com belíssimos bicos-de-pena de Percy Lau. Estudei o esperanto como autodidata, em 1945, e desde então tem sido constante o meu contato com esperantistas de mais de cem países do mundo, do Oriente e do Ocidente, seja por meio de correspondência postal, ou por encontros em congressos nacionais e internacionais. Finalizando, não posso deixar de registrar aqui que o esperanto tem sido de muita importância em minha

vida, principalmente na formação de minha coleção de traduções do belo e misterioso livrinho de Exupéry, “Le Petit Prince”. Conjuntamente, o esperanto (em 1973) e a internet (há cerca de oito anos), me possibilitaram realizar essa coleção que soma hoje 180 línguas e dialetos, inclusive uma em braile (espanhol) e outra, curiosíssima, em rosarigasino (?!).

* Sempre gostou de aprender. Aprende até hoje. Autodidata nato.

Sabia tanto, de tudo, em sua mocidade, que lhe sugeriram prestar concurso para professor. É claro que foi aprovado. Começou a ser, assim, professor de português. Depois, ensinou latim, na década de 60, mas já estava envolvido com o Esperanto de tal modo que não deixava de falar na nova língua, estimulando seus alunos a estudarem a língua universal.

Muitos pensam ainda que o Esperanto não é usado. Enganam-se. Para representar o Brasil em congressos esperantistas, viajou muitas vezes para o exterior, conhecendo muitos países do mundo.

Mora em São José do Rio Preto o homem brasileiro considerado o maior esperantista do país.

ACADEMIA CONVIDA

Walter Melotto*

Abatedouro

O fio da faca desossava
a carne das horas

expondo a nudez dos
minutos no abatedouro
clandestino do tempo
suicida.

E o badalo,
fiel submisso, insistia em
ser cúmplice do sino,
no prelúdio da Ave-Maria.

Agosto

Naqueles
dias extenuantes eu
ordenhava versos de um
vocabulário natimorto

enquanto a boca da
noite insossa

salivava o sabor
acre do mês de agosto.

Cidade

Cidade

A cidade amanheceu
solitária apesar dos nimbos
e de seus totens naquela
manhã de domingo.

Exalava a frieza dos
monumentos com seus
epitáfios.

Sua magnitude invadiu o
meu espaço e eu rejeitei
ser fruto do seu útero;

a cidade foi a finitude
inserida em mim.

Parâmetro

Minha
cabeça com diâmetro de
cinquenta e seis centímetros,

um quilo e meio, aproximado,
de cérebro e com seus quase
sessenta anos

ainda não tem o parâmetro
exato de até onde pode ir a
insensatez humana.

Natural de São José do Rio Preto
Autor de cinco livros de poesias publicados.
Um dos vencedores do XXVIII Prêmio Mundiale di Poesia Nösside em 2012, Itália.
Vencedor da fase estadual do Mapa Cultural Paulista (poesia) em 2007/2008.
Troféu Moutonnée de poesia, 1988.
Troféu Prof. Nelson Castro de poesia, 1988.
Medalha Flávio Rangel de literatura, 2007.
Vencedor do Prêmio Norberto Buzzini de poesia em 2006 e 2007.
Diversas vezes editado em Antologia Poética.



Um Belo Encontro



Agosto, numa noite fria não tão fria como as lindas noites de junho.

A noite nasce com uma brisa refrescante que deixa a todos a impressão deslumbrante de mais um encontro inesquecível. Uma noite memorável!

Bela recepção. O cumprimento cordial a todos que chegam. Um beijo, um abraço e algumas palavras carinhosas. Aos poucos, os AMIGOS vão chegando, a todos acenando e em seus lugares se acomodando.

Contam-se histórias, mostram-se fotografias e a noite fica cada vez mais calorosa nos corações palpitantes dos amigos do passado.

Um encontro que se espera naturalmente, muita alegria. Imensurável emoção e grande euforia. Radiantes, os olhos de cada um brilham num raro esplendor.

A doce fascinação pelo delírio de rever os AMIGOS aumenta cada vez mais. Chegam os fochos luminosos da noite, Nádía, Maria de Fátima, Célia Rodrigues, Suely, José Maria, Nélio e sua esposa Gessi, Maria Helena, Ma-

ria Amália, Sirlene, Juniti, Professor Renê, lindas estrelas perdidas no firmamento e que se aproximam sorridentes ao nosso convívio, ao aconchego do nosso encontro. Noite que nunca queria que acabasse. E nesse espaço de tempo, durante o qual o Sol está abaixo do nosso horizonte, o relógio deveria parar e nossas histórias nunca deveriam se acabar. Noite de sonhos doirados, astros e estrelas enfeitados para o mundo encantado em que vivemos o mundo da grande e poderosa Amizade. "Acredito cada vez mais que a AMIZADE seja o cordão de ouro que liga os corações ao Mundo, ao Universo".

O astro da noite..., a Lua, fica comigo sozinha, e de sonho e encantos, vivo sem prantos e olho para o céu, como que hipnotizado sem distinguir o real do verdadeiro. Vejo uma estrela de primeira grandeza a brilhar, iluminando o caminho de todos e fazendo uma prece para que nossos corações sejam sempre acompanhados de paz, amor, harmonia e muita, muita, amizade. A estrela, de primeira grandeza, que por todos é conhecida

desde nossa infância querida, pela sua alegria, simpatia, dedicação, devoção e grande capacidade de coordenar um encontro. Encontro esse que é a comunhão de todos os AMIGOS, numa noite de rara beleza em que impera a realeza dos corações palpitantes das crianças (meninas e meninos), hoje adultos pelo perpassar dos tempos, todavia, com a pureza de seres superiores pela simplicidade com que se encontram e reencontram no decorrer dos anos sem se cansarem, sem que se esgotem as energias para mais um abraço carinhoso, mais um sorriso. A estrela que brilha lá no céu mais do que todas as outras e ilumina nossas almas é a nossa AMIZADE, que dentre milhões de estrelas de todas as cores, se destaca, qual ave que desliza meiga lá no céu para acalmar nossos corações e fazer com que, calmos e serenos, vivamos intensamente a suavidade do nosso convívio, sem maldade, sem violência e sim com muita ESPERANÇA. Sagrada e consagrada pelos amigos, nossa ligação é como o quetzal, belo pássaro das florestas tropicais

Alberto Gabriel Bianchi*



do México e da Guatemala, de plumagem verde-esmeralda e com reflexos dourados, símbolo de liberdade e esperança. Como não podemos ser estrela de primeira grandeza, somos a ESPERANÇA que é representada aqui na terra pela estrela verde, a única dessa cor, a estrela que cada um de nós carrega no coração, segundo belas palavras da Maria de Fátima. E essa estrela verde haverá de permanecer em nosso peito pela eternidade, pois temos ESPERANÇA.

Será sempre nosso símbolo, uma vez que temos brilho, somos estrelas, temos fé e seremos eternamente unidos. E sem esta fé que nos dá o amor, nada será possível. Falarão de nós por todos os recantos desta Terra. Falarão da nossa fé, da nossa união e da nossa grande ESPERANÇA.

A ESPERANÇA e a certeza de sermos eternamente AMIGOS.

*Ocupa a cadeira nº 44 da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura



A lenda do Rei Leir

Este rei Leir não houve filho, mas houve três filhas mui formosas e amava-as muito.

E um dia houve suas razões com elas e disse-lhes que lhe dissessem verdade qual delas o amava mais. Disse a maior que não havia cousa no mundo que tanto amasse como ele, disse a outra que o amava tanto como si mesma, e disse a terceira que era a melhor, eu amava tanto como deve amar a filha ao pai.

E ele quis-lhe mal por isso e por isso não lhe quis dar parte no reino. E casou a filha maior com o duque de Cornualha e casou a outra com o rei da Escócia e não pensou em nada melhor. Mas ela, por sua ventura, casou-se melhor que qualquer das outras porque obteve o rei de França e tomou-o como mulher.

E depois o pai dela, em sua velhice, tomaram-lhe seus genros a terra e ele foi andarilho e teve de tornar ao rei da França e sua filha, a melhor, a que não tinha querido dar parte do reino. E eles receberam-no muito bem e deram-lhe todas as cousas de que precisava e honraram-no enquanto viveu e morreu em seu poder.

Esse é o texto modernizado por mim para reproduzir o que consta do IV Livro de Linhagens, de Dr. José Joaquim Nunes, *Crestomatia Arcaica – excetos da Literatura Portuguesa*, 3ª edição, Livraria Clássica, Lisboa, 1943

Cito estes dados para comprovar que já havia em Língua Portuguesa um nome, Leir, correspondente ao King Lear, usado por Shakespeare em uma tragédia.

Hamlet

A mais famosa tragédia de Shakespeare é “Hamlet”, que tem dado oportunidade a muitas controvérsias. Suas características são:

- Dificuldades externas:

Nunca faz a menor referência a qualquer diferença exterior;

Sempre assume que deve obedecer ao fantasma;

Laertes facilmente levanta o povo contra o rei;

A cena da peça foi planejada para convencê-lo, não a corte;

Ele nunca fala de justiça pública, e quanto ao Rei, fala de usar a espada ou sua mão.

- Dificuldades internas:

Consciência ou escrúpulo moral (ele assume que deve vingar-se e se acusa de não o ter feito);

A visão sentimental. Segundo Goethe, “uma linda, pura e quase moral natureza, sem a força que forma um herói, submerge ante uma carga que não pode levar e não consegue jogar fora”;

Não tem medo do fantasma, insulta o Rei, e Polonius atua contra os ouvintes e luta com Laertes e o sepulcro;

A causa de sua demora é a irresolução, a causa que o leva é a irresolução, o hábito refletivo e especulativo da sua mente. Schlegel:

“Ele se perde em labirintos de pensamento”. Coleridge encontra em Hamlet uma quase enorme atividade intelectual e uma proporcional aversão à ação real. É a mais largamente aceita visão do caráter de Hamlet.

Para Bradley, a melancolia e a apatia de Hamlet são causadas por um choque moral.

*Falecido em 6 de maio deste ano, ocupava a cadeira nº 2 da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura





Semiótica



“A Semiótica, do grego σημειωτικός (sēmeiōtikos), literalmente, “a ótica dos sinais”), é a ciência geral dos signos e da semiose que estuda todos os fenômenos culturais como se fossem sistemas sígnicos, isto é, sistemas de significação. Ambos os termos são derivados da palavra grega σημεῖον (sēmeion), que significa “signo”, havendo, desde a Antiguidade, uma disciplina médica chamada “semiologia”.

Foi usada pela primeira vez em Inglês por Henry Stubbes (1670), em um sentido muito preciso, para indicar o ramo da ciência médica dedicado ao estudo da interpretação de sinais. John Locke usou os termos “semeiotike” e “semeiotics” no livro 4, capítulo 21 do “Ensaio acerca do Entendimento Humano” (1690).

Mais abrangente que a linguística, a qual se restringe ao estudo dos signos linguísticos, ou seja, do sistema sígnico da linguagem verbal, esta ciência tem por objeto qualquer sistema sígnico - Artes Visuais, Música, Fotografia, Cinema, Culinária, Vestuário, Gestos, Religião, Ciência etc.

Surgiu, de forma independente, na Europa e nos Estados Unidos. Mais frequentemente, costuma-se chamar “Semiótica” à ciência geral dos signos nascida do americano Charles Sanders Peirce e “Semiologia” à vertente

te europeia do mesmo estudo, as quais tinham metodologia e enfoques diferenciados entre si.

Na vertente europeia, o signo assumia, a princípio, um caráter duplo, composto de dois planos complementares - a saber, a “forma” (ou “significante”, aquilo que representa ou simboliza algo) e o “conteúdo” (ou “significado” do que é indicado pelo significante) - logo, a semiologia seria uma ciência dupla que busca relacionar uma certa sintaxe (relativa à “forma”) a uma semântica (relativa ao “conteúdo”).

Mais complexa que a vertente europeia, em seus princípios básicos, a vertente peirciana considera o signo em três dimensões, sendo o signo, para esta, “triádico”. Ocupa-se do estudo do processo de significação ou representação, na natureza e na cultura, do conceito ou da ideia.

Posteriormente, teóricos europeus, como Roland Barthes e Umberto Eco, preferiram adotar o termo “Semiótica”, em vez de “Semiologia”, para a sua teoria geral dos signos, tendo, de fato, Eco se aproximado mais das concepções peircianas do que das concepções europeias de origem em Saussure e no Estruturalismo de Roman Jakobson.

Mens sana in corpore sano



Dr. Deepak Chopra é indiano, médico, filósofo de reputação internacional, autor de mais de 35 livros e um dos mais respeitados pensadores da atualidade. Vale a pena analisar um de seus pensamentos. Segundo o filósofo, somos as únicas criaturas na face da Terra capazes de mudar nossa biologia em função dos nossos pensamentos e sentimentos.

Nossas células estão constantemente controlando os pensamentos com capacidade de modificá-los. Se acaso estamos depressivos, o nosso sistema imunológico pode decair; ao nos apaixonarmos, podemos fortificá-lo consideravelmente. Recordar a experiência de uma situação estressante pode liberar o mesmo fluxo de hormônio destrutivo que o estresse.

Ensina o médico-filósofo que não devemos agir desta maneira. Nossas células estão a todo instante processando nossas experiências e metabolizando-as de acordo com nossos pensamentos. Não podemos simplesmente captar dados destrutivos e armazená-los na mente. Você se transforma na interpretação quando o internaliza. Quem está deprimido por causa da perda de um emprego, projeta tristeza por toda parte do corpo. Explica o filósofo que a produção de neurotransmissores por parte do cérebro se reduz, o nível de hormônio baixa, o ciclo do sono é interrompido, os receptores neuropeptídicos na superfície externa das células da pele tornam-se distorcidos, as plaquetas sanguíneas ficam mais viscosas e mais propensas a formar placas e até nossas lágrimas

contêm traços químicos diferentes das lágrimas de alegria. A depressão destrói o organismo humano. O filósofo analisa ainda que todo este perfil bioquímico será drasticamente alterado quando a pessoa encontra uma nova situação. Reforça ainda o médico-filósofo a grande necessidade de usar nossa consciência para criar os corpos que realmente desejamos. A ansiedade por causa de um exame acaba passando, assim como a depressão por causa de um emprego perdido, mas o processo de envelhecimento do ser humano deve ser combatido cotidianamente.

Indaga ainda o filósofo. “Quer saber como está o seu corpo hoje? Lembre-se do que pensou ontem. Quer saber como estará seu corpo amanhã? Olhe seus pensamentos hoje”.

A conclusão deste sábio filósofo é importantíssima. Ele diz: “ou você abre seu coração, ou algum cardiologista o fará por você”. Devemos estar cientes de que a nossa consciência é soberana na natureza humana e aceitar que, se a consciência não for algo que aparece, ela emerge e se acrescenta desde o nosso nascimento. Embora a consciência seja a coisa mais conhecida e acessível que cada um de nós possui, ela continua como um dos fenômenos menos compreendidos deste mundo. Afinal os romanos já diziam que a sanidade da nossa mente e do nosso corpo estão intimamente interligadas.

*Ocupa a cadeira nº 41 da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura

A PATRIÓTICA MISSÃO COMERCIAL DAS PUTAS À ITÁLIA

Seu nome era Bianca. Vinha de família italiana e tinha sangue quente. Era alta, generosa de formas e loira. Seu rosto quadrado transmitia a impressão de uma personalidade forte. Seu sorriso tinha a pureza infantil. Cedo começou sua vida sexual para atender o próprio prazer, continuou para atender o prazer alheio e terminou por fazê-lo por dinheiro. Seu nome de guerra era Sheila.

Antes, todavia, trabalhou em atividades prosaicas. Foi secretária. Faziam-lhe propostas indecentes. Foi aeromoça. Internacionalizaram-se as ofertas, em diversas línguas. Havia aprendido o italiano em casa. Fez curso de inglês, aperfeiçoado com as viagens. Assim, adquiriu as habilidades para as relações internacionais. Começou por oferecer seus serviços no Brasil num sítio eletrônico de acompanhantes em São Paulo. Pediu para um amigo tirar umas fotos suas e montou o seu anúncio. Teve muito boa demanda. É certo que o pro-

duto tinha qualidade, mas os tempos ajudaram. A economia do governo Lula estava aquecida. O povo tinha maior disponibilidade, mas o que era mais importante é que os banqueiros tinham muito dinheiro.

Resolveu a Sheila fazer especialização no exterior. Não é assim que fazem os banqueiros e advogados, perguntou-se? Não vão os homens do dinheiro para Chicago para aprenderem a ser americanos e a melhor servir os seus interesses pessoais? Não vão os advogados para Londres, para melhor poder desprezar a cultura própria?

Foi então aperfeiçoar-se primeiramente na Itália, tendo passado também por Espanha e pela França, nesta para aprender as bizarras do métier. Não se interessou pelo Reino Unido, intimidada talvez pela máxima britânica "No sex, please, we are British". Evitou igualmente os EUA, país onde, dizem, os homens estavam mais inclinados à necrofilia. Coisa horrível!

Faltou-lhe apenas o estágio nos famosos lupanares de Xangai, de grandes tradições em decadência, para o refinamento nos prazeres da dor, habilidade muito buscada pela clientela elegante de ambos os sexos. No entanto, prometeu-se um dia ainda lá complementar sua formação.

Voltou ao Brasil no final do governo Lula atraída pelo Real forte! Fazia o nosso presidente do Brasil um país de todos. Não apenas dos banqueiros, mas também das putas. As coisas continuaram bem após as eleições. Fora eleita uma mulher para a presidência. Ela era do mesmo partido de Lula.

Prometera a nova presidente, que quer ser chamada presidenta, continuar a mesma política macroeconômica que permitia às noivas brasileiras fazer seus enxovais em Nova Iorque e à classe média comprar apartamentos em Miami. E continuar a enriquecer os banqueiros, é claro.

Por sua experiência de vida e de mercado, por suas qualidades de comunicadora, como também por sua inteligência e formação distinta, ainda que autodidata, Sheila era muito procurada por suas colegas de profissão para o aconselhamento, e assim fez um largo círculo de relações. Dava-se bem com todas, como os bons políticos.

Seus contatos permitiam algumas iniciativas pioneiras de mercado como o Private Swing Party, por exemplo. O anglicismo foi adotado não por necessidade linguística, mas porque, como é sabido, o brasileiro padece de esterofilia e assim favorece tudo o que tem nome estrangeiro, mesmo para a sacanagem. Juntou ela um número de colegas de profissão, todas confiáveis, e alugava recintos para surubas memoráveis, abertas para casais.

Tornou-se assim a Sheila uma grande empresária do sexo. Ao contrário da notável Eny, de saudosa memória e de efêmero sucesso em Bauru, cidade no interior do Estado de São Paulo, não era romântica, não investia em ativos fixos e geria seus negócios com a frieza de um banqueiro central.

Sua mais recente iniciativa foi a Missão Comercial das Putas, ação inspirada pelos mais nobres sentimentos de patriotismo, já que a balança de serviços do Brasil havia ficado deficitária em mais de US\$ 12 bilhões de dólares apenas no primeiro semestre de 2011, com a farra das viagens internacionais agravada no governo Dilma.

- "Vamos exportar serviços", disse Sheila na apresenta-

ção de seu projeto às colegas de trabalho, em número de 10. A ideia era aproveitar o verão europeu e passar um mês na Sardenha para arregimentar clientela internacional de alto poder aquisitivo, ou "high net worth individuals", como gostam de dizer os banqueiros privados. Alugaram todos os quartos de um pequeno, mas elegante hotel em Porto Cervo pelo período.

Aprovado o projeto por unanimidade, passaram aos detalhes dos preparativos. Já às vésperas da partida, reuniram-se para uma reunião de coordenação geral, ocasião com certa solenidade, que foi aberta por Sheila nas seguintes palavras:

- "Minhas queridas colegas, amigas e companheiras. Aproxima-se a data de nossa partida para a pioneira missão comercial. A nossa não é uma iniciativa qualquer. Não se compara, por exemplo, com a programada missão comercial da FIESP à China, na qual os empresários buscarão fornecedores para os mercados brasileiros, agravarão o déficit comercial do País e exportarão postos de trabalho.

A nossa é uma missão que irá minimizar o déficit da balança comercial de serviços do Brasil, para além de ser uma iniciativa civilizatória, a promover o prazer, o bem-estar pessoal, a alegria, a saúde física e mental, e também as melhores relações internacionais.

Primeiramente, algumas palavras sobre a Itália. Trata-se de país com grandes tradições sexuais. Lembrem-se de Calígula, o imperador romano, muito chegado às bizarras e perversões de todos os gêneros. O insuspeito intelectual italiano Antonio Gramsci chegou a dizer que ... "in principio era Il sesso".

Originalmente, prevaleceram na península itálica os princípios machistas, que foram atenuados com o correr dos tempos. Como dizia Curzio Malaparte, "La vera bandiera italiana non è il tricolore, ma Il sesso, Il sesso maschile". Contudo, com o passar dos anos, o italiano passou a valorizar mais o seu lado feminino.

A tendência evoluiu de tal forma que hoje, de uma maneira geral, o homem italiano gosta de ser enrabado. Sim. Mas não por outro homem, porque as aparências machistas têm que ser mantidas. Eles querem ser enrabados por travestis, e daí o sucesso dos nossos companheiros de trabalho naquele país, ou por mulheres.

Como somos desprovidas dos instrumentos naturais, devemos nos valer dos acessórios, faute de mieux. A Itália, como não poderia deixar de ser, é bem sortida nesse material pelo que, ao chegarmos a Porto Cervo,



poderemos comprar o equipamento em todos os tamanhos até mesmo naquele monstruoso de 5 quilos!

Assim, o italiano médio é como o diplomata brasileiro. Gosta de ser enrabado. Chacun a son goût. Mas, enquanto o diplomata brasileiro quer ser enrabado de graça pela profissional brasileira, o cidadão italiano nos remunera a peso de ouro, além de ser refinado, inteligente, cheiroso e elegante.

Vamos, portanto, ficar longe da diplomacia brasileira, o que não será difícil, já que nossa embaixada fica no Palazzo Pamphili, em Roma, na Piazza Navona. Esse palazzo tem o nome de um poderoso pervertido cardeal italiano. Ele é amplamente conhecido por ter afrescos no teto e frescos no piso.

Hoje, sua suíte presidencial tem os afrescos de Pietro da Cortona no teto e uma coleção virginal da obra completa de Joaquim Nabuco. Sua cama é enorme e se presta a grandes orgias. Mas não vale a pena. A parte cultural e estética não compensa a impecuniosidade do exercício.

Da mesma maneira, vamos ficar longe dos políticos italianos. O Berlusconi, por exemplo, primeiro-ministro daquele país, é um velhote rico e corrupto que adora as profissionais do sexo do Brasil. Dizem nossas colegas sotto voce que paga michês de mais de 2.000 euros e ainda dá joias de presente. Tudo pelo mínimo trabalho. Contudo, o homem é acompanhado de perto pela imprensa e perseguido pelo Ministério Público local. É aventura de alto risco.

Faz ainda parte de nossa ação afirmativa atender aos milionários de todas as nacionalidades que vão nesta época do ano passar as férias na Sardenha. Lembrem-se que homem rico, do haut monde, se delicia em ver sua mulher transando com meretrizes praticantas, como diria nossa presidenta inicianta.

Assim, temos que estar muito elegantes, pois enquanto os homens gostam das profissionais peladas, suas mulheres nos querem bem vestidas, bem cheirosas, com unhas feitas, penteadas, depiladas e, depois, bem peladas e úmidas. O trabalho é mais árduo, mas a remuneração compensa, pois acaba por ser mais que dobrada. Por último, não se esqueçam que estaremos em Porto Cervo, não em férias, mas a trabalho. Vamos minimizar o déficit de serviços do Brasil mas, mais do que isso, iremos dar um exemplo patriótico para o setor produtivo do país.

Avanti!" (02/08/2011)



Um Passeio no Passado



Em 1954, elementos saídos do TC (Arena, Teatro do Estudante e Teatro Oficina), procurando a realização de um teatro brasileiro, em oposição ao teatro desenvolvido pelo TBC, fundam o grupo de Teatro Amador de São Paulo (GTA), contribuindo para a criação da Federação Paulista de Teatro Amador, tendo como um de seus fundadores Clovis Garcia, uma das figuras mais importantes do Teatro Brasileiro, e como uma das primeiras realizações o I Festival Paulista de Teatro. Com a criação da Comissão Estadual de Teatro (CET), em 1956, o teatro amador passa a integrar esse órgão, sendo presidente da Federação de Amadores Teatrais João Ernesto Coelho Neto, indicado como membro da CET. "A Comissão Estadual de Teatro foi criada com a fina-

lidade de amparar o teatro cultural, com o objetivo de estendê-lo a maiores camadas da população" ("Brasil: Palco e Paixão – Um século de Teatro"). Essa política ganhou amplitude e se expandiu pelo interior a criação de federações regionais e, posteriormente, de seu órgão central: a Confederação de Teatro Amador do Estado de São Paulo (COTAESP). No início dos anos 60, o Movimento Teatral Paulista começava a se organizar, não só na Capital, mas principalmente no Interior e Baixada Santista. O Estado de São Paulo era dividido em regiões administrativas, cada qual com uma cidade-sede. Em função disso eram criadas pela Secretaria de Esporte, Turismo e Cultura, através da CET, as Federações de Teatro

Amador do Estado de São Paulo e distribuídas a cada uma das cidades-sede das regiões administrativas (Santos, São Paulo, Sorocaba, Campinas, São Carlos, Rio Claro, Ribeirão Preto, Franca, São José do Rio Preto, Presidente Prudente, Marília, Garça, Bauru, Barretos e Santo André).

Em 5 de novembro de 1967, ocorreu a Assembleia Geral Ordinária de fundação e posse da diretoria provisória da Confederação de Teatro Amador do Estado de São Paulo (COTAESP). Névio Dias foi aclamado para presidi-la. Foram nomeados para secretariar os trabalhos Hamilton Figueiredo Saraiva e Carlos Pinto.

As fundadoras foram: Federação de Teatro Amador da Alta Sorocabana, Federação de Teatro Amador da Baixada Sorocabana; Grêmio de Teatro Amador da Cidade de Garça, Federação Andreense de Teatro Amador; Federação Bauruense de Teatro Amador; Federação de Teatro Amador do Vale do Paraíba; Federação de Teatro Amador de Botucatu, Federação de Teatro Amador da Alta Araraquarense; Federação de Teatro Amador da Alta Mogiana; Federação de Teatro Amador do Nordeste Paulista; Federação Campineira de Teatro Amador; Federação de Teatro Amador do Centro do Estado; Federação Paulista de Teatro Amador e Federação Santista de Teatro Amador. (livro de Atas da COTAESP). A partir desse momento, o movimento federativo escreve seu nome na história do Teatro Amador. As federações passam a ser orientadas e representadas pela COTAESP.

Nessa época nomes como João Rios, Nagib Elchmer, Cacilda Becker faziam parte do cenário teatral. "Conheci Cacilda em meados da década de 60. O país estava mergulhado nas agruras e nas trevas iniciais do regime militar implantado em março de 64. Com a nomeação de Abreu Sodré para o Governo de São Paulo, Cacilda foi indicada e nomeada por ele para a Presidência da Comissão Estadual de Teatro. Como presidente da Confederação de Teatro Amador do Estado, e por indicação de Nagib Elchmer, fui nomeado também para fazer parte dessa Comissão, em companhia de Hamilton Saraiva, Décio de Almeida Prado, Anatol Rosenfeld, Sábato Magaldi, Joe Kantor e outras figuras de expressão da classe teatral paulista. Tenho absoluta convicção de que no período em que Abreu Sodré governou São Paulo, as artes e a cultura no geral, o teatro especialmente, viveram seus anos de glória em matéria de patrocínios, subvenções e ajuda governamental. Sodré sempre foi um amante das artes e jamais interferiu no trabalho realizado nas várias comissões que compunham o então Conselho Estadual de Cultura". (Carlos Pinto).

A partir de 1970, o movimento federativo estava consolidado, a Confederação de Teatro Amador do Estado de São Paulo (COTAESP) era a voz das federações. Nesse ano é fundada a Confederação Nacional de Teatro (CONFENA-

TA), com o objetivo de congregar todas as Federações de Teatro do Brasil. Ela está em funcionamento até hoje. Foi uma entidade que muito contribuiu para o fortalecimento do Teatro Federativo.

O trabalho realizado pelas federações nas suas cidades e regiões alcançava uma excelência de produções em favor de um teatro de qualidade e acima de tudo engajado no contexto brasileiro. Em São Paulo, o Festival Estadual de Teatro Amador, que compreendia três fases distintas, estava no seu auge: a primeira, chamada fase regional, em que cada federação promovia em sua região uma mostra teatral para escolher dois grupos que iriam representar a Federação na fase seguinte; a segunda fase, chamada de semifinal, era realizada em cidades previamente escolhidas de onde eram classificados os dois melhores trabalhos para a fase seguinte; e a mais importante, a fase final do Festival, em que eram conhecidos os três melhores e os prêmios individuais nas diversas categorias, cujos trabalhos eram coroados e agraciados com o Prêmio Governador do Estado.

Assim, a cada ano, a CET (Comissão Estadual de Teatro) traçava o perfil de cada região com a finalidade de promover ações, tendo sempre na sua composição o presidente e tesoureiro da COTAESP (Carlos Pinto e Hamilton Saraiva). Longas e proveitosas reuniões eram realizadas mensalmente, onde se decidia o futuro do teatro amador.

Nomes significativos eram indicados para comandar oficinas e acompanhar os trabalhos dos grupos. Assim era a contribuição do Estado para aumentar ainda mais a qualidade das produções e também as subvenções para cada Federação para realizar a fase regional do FETEA. Por outro lado, a COTAESP tinha a finalidade de congrega todas as federações e nortear os trabalhos realizados por elas. Mensalmente éramos nós, os presidentes das Federações, convocados para reunião em São Paulo, onde recebíamos instruções, publicações de livros e outros materiais necessários a nossa sobrevivência teatral. A cada janeiro, um Congresso era realizado com a finalidade de discutir os rumos do teatro amador, ações e monções eram estabelecidas pelos congressistas e ainda era votada uma cidade-sede da final do Festival Estadual de Teatro Amador-SP, bem como as cinco cidades-sede das semifinais do Estado onde eram escolhidos os 10 grupos finalistas.

Lembro perfeitamente como eram as disputas pela qualidade das produções, principalmente das cidades de Santos ("Prometeu Acorrentado", de Ésquilo, dirigida por Sofredini; a "Paz", de Aristófanes, dirigida por Walter Rodrigues; "Balada de Manhattan", dirigida pelo Wilson Geraldo, e tantas outras.

Sorocaba com "A Cantora Careca", de Ionesco, e "Julio Cezar", de William Shakespeare; a "Capital com Cho-

que das Raças”, de Hamiltom Saraiva, dirigida por ele; “São Carlos”, com George Dandin, “Pena que ela seja uma P...”, dirigida por Roberto Vignatti; São José do Rio Preto, com “Romeu e Julieta”, de William Shakespeare, e A Mandrágora, de Maquiavel, ambas dirigidas por José Eduardo Vendramini; “A Muralha da China”, de Max Frich, dirigida por Fernando Muralha; “Os Cegos de Ghelderode”, uma criação coletiva; “A Megera Domada”, de William Shakespeare, dirigida por Humberto Sinibaldi Neto.

De 1965 a 1976, várias cidades foram escolhidas durante os Congressos de Teatro Amador (cronologia copilada de “Memória – o teatro amador no contexto cultural de São Carlos 1965-1976” de Névio Dias). Somente a partir de 1967, com a criação da Confederação de Teatro Amador do Estado de São Paulo (COTAESP), uma nova forma é introduzida nos festivais, as três fases (eliminatória, semifinal e final).

1965 - III Festival Estadual de Teatro Amador

Final na cidade de Campinas

1966 - IV Festival Estadual de Teatro Amador

Final na cidade de São Carlos

1967- V Festival Estadual de Teatro Amador

Final na cidade de Presidente Prudente

1968- VI Festival Estadual de Teatro Amador

Final na cidade de Santo André

1969- VII Festival Estadual de Teatro Amador

Final na cidade de Ribeirão Preto

1970- VIII Festival Estadual de Teatro Amador

Final na cidade de Santos.

1971- IX Festival Estadual de Teatro Amador

Final na cidade de São Carlos

1972- X Festival Estadual de Teatro Amador

Final na cidade de São José do Rio Preto

1973- XI Festival Estadual de Teatro Amador

Final na cidade de Presidente Prudente

1974- XII Festival Estadual de Teatro Amador

Final na cidade de Rio Claro

1975- XIII Festival Estadual de Teatro Amador

Final na cidade de Franca

1976 – XIV Festival Estadual de Teatro amador

Final na cidade de São Carlos

Na final do IV Festival Estadual de Teatro, em 1966, realizada em São Carlos, a organização estava a cargo de João Rios, comissão julgadora Tatiana Belinky Gouveia, Ivonete Vieira e Divina Salles Silva .

Profissionais dos mais expressivos das artes cênicas fazem parte do corpo de jurados nas diversas finais (Renata Pallotini, Silney Siqueira, Terezinha Aguiar, Ademar Guerra, Décio de Almeida Prado, Lauro Cezar Munis, Pascoal Carlos Magno, Sábado Magaldi, Afonso Gentil. Celso Nunes, Jairo Arco e Flexa e muitos outros).

Por volta de 1965, o então presidente da Comissão Estadual de Teatro, Nagib Elchmer, lança um programa de construção de teatros no interior de São Paulo. Sai então em busca de cidades interessadas na parceria com o Estado na construção de teatros, desta maneira São Carlos, Santo André, Ribeirão Preto, Sertãozinho, Cantanduva e São José do Rio Preto aderem ao programa e tem assim o início das construções dos tão sonhados teatros municipais.

O fenômeno que narro a seguir parece uma maldição, pois a inauguração dos teatros pelo Interior coincidem com a decadência do movimento federativo. A COTAESP, apesar de esforços dos seus dirigentes entre eles Aldo Valentim, acaba por ver um esvaziamento desse tipo de teatro no Estado, que leva ao enfraquecimento da instituição até mesmo sem nenhuma relevância nos dias de hoje.

O Festival Estadual criado por lei foi enfraquecendo até se tornar píffio, apesar da lei ainda estar em vigência.

Quando, em 1964, a Secretaria de Estado da Cultura realizou seu primeiro projeto de monitoramento profissional dirigido a grupos amadores no interior do Estado de São Paulo, Ademar Guerra foi orientador de grupo na cidade de Santo André e com eles montou “Gente como a gente”, de Roberto Freire. Estava assim, mesmo sem saber, lançando a semente do que viria a ser o Projeto Ademar Guerra.

De 1964 até o fim dos anos 1970, a Secretaria de Cultura, por meio da CET, manteve uma ligação direta com os grupos de teatro da capital e do interior, por meio de grandes oficinas teatrais, colocando à disposição das federações e seus grupos filiados os mais renomados profissionais da áreas. Assim, Ademar Guerra vai para Santo André e monta o espetáculo “Gente como a Gente”, Sofredini vai para Santos e monta “Prometeu Acorrentado”, Roberto Vignatti vai para São Carlos e monta “Pena que ela Seja uma P...”, Fernando Muralha vem para São José do Rio Preto e monta “A Muralha da China”. Celso Nunes, que chegara recentemente do exterior, trazendo na bagagem o método de Grotovisk, sai para várias cidades ministrando oficinas. Os anos 1980 passam quase despercebidos, não só pela escassa produção teatral a nível de Interior, bem como de orientações e oficinas por parte da Secretaria de Estado da Cultura. A partir dos anos 1990, acontece a reestruturação do movimento teatral, surgem algumas poucas

Federações de Teatro que tentam dar início ao novo movimento que não resiste muito tempo. Os grupos começam então uma carreira solo.

A partir de 1969 outro fenômeno surge no cenário teatral, não só de São Paulo (São José do Rio Preto), como também do Paraná (Londrina e Ponta Grossa), Paraíba (João Pessoa), Rio Grande do sul (Porto Alegre) e Minas Gerais (Juiz de Fora), os Festivais Nacionais de Teatro.

Em 1964 o país mergulha num das páginas mais negras da sua história, a Revolução de 64. O movimento federativo felizmente já estava consolidado, e à medida que o tempo avançava cada vez mais repressivo, mais forte tornava-se o movimento. Foram tempos difíceis para se fazer arte, em especial o teatro. A censura corria solta, atos institucionais eram decretados pelo governo federal, mas os artistas resistiam. A polícia invadia teatros, O CCC destruía salas e espanava os atores, textos eram censurados, ou até mesmo mutilados.

O movimento federativo não se intimidava, saímos em busca dos mais representativos textos políticos ou não, mas tinham que passar pelo crivo da censura federal. Primeiramente tínhamos que mandar o texto para a sede da censura, em São Paulo. Depois de examinado, o mesmo tinha que ser visto por um censor que vinha até as cidades do interior para assistir a um ensaio geral da produção. Com texto na mão, ele seguia cada palavra do personagem, caso tinha algum corte feito, o mesmo deveria ser excluído imediatamente. Ao término desta apresentação, o censor voltava para a capital, onde podia ou não sugerir mais cortes, ou até mesmo censurar no total. Só assim, o texto era carimbado e liberado para a apresentação ao público. O mais curioso é todas as despesas com passagem e hospedagem do censor corriam por conta de cada grupo. Quando falo em não se intimidar era que mesmo com os cortes exigidos pela censura, nas apresentações para o público fazíamos o texto na íntegra, como num ato de resistência e protesto.

Apesar das dificuldades de local para as reuniões, ensaios e falta de dinheiro para as produções, os grupos de teatro se organizavam, as federações apoiavam, e da melhor maneira possível amenizavam esses problemas, mas nada impedia para que as produções fossem de alta qualidade.

A COTAESP se fazia presente como membro da Comissão Estadual de Teatro e travava verdadeiras batalhas a favor da existência e da manutenção do Festival Estadual e das ações das atividades formativas a serem enviadas às federações de teatro de todo o Estado.

Nos anos 1960,1970 até meados dos anos 1980, em todo o Estado de São Paulo, havia mais de 800 grupos

de teatro em atividade, a maioria agrupada em torno de suas federações. Alguns grupos se destacavam nas diversas regiões: na Capital, o Jambaí de Teatro, de Hamilton Saraiva, em Santos, Teatro Estudantil Vicente de Carvalho, de Carlos Pinto, em São Bernardo, Regina Paces do Assunção, em Santo André, de Sergio Rosseti; em São Carlos, Porão 7, de Ângelo Boniceli; em Sorocaba, Teatro do Estudante, de Homero Búfalo e Werner Rostchild, em São José do Rio Preto, Teatro Jovem da Casa de Cultura, de Humberto Sinibaldi Neto e José Eduardo Vendrami.

Nos anos 1969 e 1970 começa a nova fase do Teatro Paulista, com a criação do Festival Nacional de São Carlos, que, infelizmente, só ficou nestas duas edições.

Na onda de grande prestígio do teatro federativo Amador, em 1969, é criado o Festival Nacional de Teatro Amador de São José do Rio Preto por mim, Dinorath do Valle e José Eduardo Vendramini, sendo realizado até o ano 2000. Em 2001 torna-se Internacional, o FIT.

O modelo criado pela Secretaria de Estado da Cultura, que foi desmembrada da antiga Secretaria de Esporte, Turismo e Cultura, funcionou até os fins dos anos 1990, trazia Comissão Estadual de Cultura, Comissão Estadual de Circo, Comissão Estadual de Dança, Comissão Estadual de Folclore, Comissão Estadual de Literatura e Comissão Estadual de Música. A partir de 1996, o cargo de Diretor Técnico do Departamento de Formação Cultural foi ocupado por Antonio Carlos de Moraes Sartini, que implantou ações culturais no Estado. Entre 2003 e 2005 foi Diretor Técnico do Departamento de Atividades Regionais, contribuindo, em especial, com o teatro, não só na capital, mas em todo o interior.

Em 1997, a Secretaria de Estado da Cultura, com o objetivo de propiciar orientações artísticas a grupos teatrais em atividade no interior e no litoral do Estado de São Paulo, cria o projeto Ademar Guerra, sob a direção da atriz e dramaturga Analy Alvarez.

Em janeiro de 2003, assume a Secretaria de Estado da Cultura a administradora pública Cláudia Costin, que reorganiza a secretaria e acelera a constituição de Organizações Sociais (O.S.) para museus, orquestras e teatros, a fim de que tenham flexibilidade de remuneração e possam contratar talentos. Também são criados novos projetos, como o Mapa Cultural Paulista, que vem substituir o então Festival Estadual, Revelando São Paulo, Projeto Circulação de Grupos Teatrais e manter vivo um dos mais importantes projetos, o Ademar Guerra, hoje sob a direção de Aldo Valentin, pela segunda vez.

*Ocupa a cadeira nº 30 da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura



Às Mães

Oh! Mãe que com seu amor cativa
de formosura e sobejo encanto
Nos consola quando em nosso pranto
é forte e com seu porte é altiva.
Desperta nos seus filhos e nos ativa
as virtudes e cobre com seu manto
as amarguras da vida, o desencanto,
o ócio e da consciência esquiva.
Mãe símbolo e sempre venerada
no convívio a solerte rainha
e por sua prole muito aclamada.
É prodiga, sábia é uma fada
sob a proteção do Senhor caminha
e no bojo, a casta de mulher amada



Luta de Titãs

Quem és tu que me atormenta
me arrasta para o torvelinho
e minha vida para o descaminho
só podes ser tu, ó mal que me tenta

se trilho para o bem, me afugenta
com obstáculo cheio de espinho
luto para sair desse desalinho
que com fé meu espírito enfrenta

Entre esse estigma pernicioso
com o drama de consciência
e o outro de caráter virtuoso

com a diretriz para o bem é que importa
ênfaticada na sua essência
é o alívio que minh'alma transporta
Estaca Zero

Ainda jovem trabalhou bastante
se atirou com garra no trabalho
deu duro na vida, verdadeiro malho
ganhou dinheiro, foi desgastante

para ele, o objetivo era o montante
porque tudo isso, se num ato falho
perdeu na roleta e no baralho
e foi saqueado pela amante

com uma milionária numa aventura
casou-se para reparar a grande perda
e se preservar para uma vida futura

veio a bancarrota, um golpe profundo
tornando-o pobre, um zero à esquerda
e hoje não passa de um vagabundo.



Desilusão Em Um Pobre País Rico

Era semana da Independência, e jovens estudantes de jornalismo saíram às ruas, com a missão de saber e reproduzir o que as pessoas esperavam do Brasil.

Jovens despreparados, estudando em escolas precárias, demonstravam nas entrevistas a segurança de que essa seria uma grande nação.

Continuaram com as pesquisas e alguns adultos entrevistados, habituados a não ler nem se informar, também propalaram a ideia do progresso indiscutível deste país. O chamado país do futuro.

Passadas várias entrevistas, uma jovem futura jornalista encontrou um homem idoso. Não era um velho, mas tinha os cabelos bem grisalhos e as rugas próprias da terceira idade.

Entusiasmada, a jovem perguntou:

— O que o senhor espera do Brasil?

Tranquilo, o homem a encarou e arguiu:

— Do Brasil?

Ela respondeu com presteza:

— Claro. Do nosso país.

— Nada — disse o idoso.

Com o semblante alarmado a universitária redarguiu:

— O senhor não espera nada do Brasil?

— Não. Absolutamente nada — reafirmou o idoso.

— Mas esse é um país de dimensões continentais, temos incontáveis riquezas. Como pode dizer que nada espera? — insistiu ela, indignada.

— Vivo há dezenas de anos estudando, pesquisando e trabalhando por esse país realmente tão rico. No entanto, não vi quem desse a ele um futuro de destaque.

— Temos de tudo em nosso solo — disse a entrevistadora, interrompendo-o.

— Nesse tudo, temos um bando de políticos vagabundos e um povo apático e acomodado — respondeu o homem com a voz mais elevada.

— Isso pode ser corrigido. Basta se investir em educação — retrucou a moça.

— Educação é algo para o qual esse país nunca deu importância. Quem cria escolas são poderosos, que an-

seiam por aumentar seus ganhos. Daí escolas tão caras e tão precárias. Quanto ao poder público, quanto mais analfabetos, melhor para os poderosos. Por isso, as escolas, com raras exceções são ainda piores.

— O senhor me parece um homem desiludido — ponderou a universitária.

— Não pareço. Sou realmente um desiludido. Não acredito em nada nesse país. Não há Executivo, Legislativo ou Judiciário nos quais se confie. Lastimo os membros de nossos três poderes. Em todos, temos uma importante parcela que se em corruptos, ignorantes ou prepotentes. Não vejo em nenhum dos poderes o desejo em agir pelo bem comum. Em todos vejo segundas intenções.

— Será? — indagou a jovem em dúvida.

— O Executivo é perdido na ânsia pelo poder e na angústia de permanecer nele. O Legislativo há décadas se resume a trocas e barganhas para benefícios próprios e de seus financiadores. Executivo e Legislativo se entrelaçam em artimanhas escusas. O Judiciário tenta fazer parecer que só agora teve conhecimento das falcatruas que sempre marcaram esse país. Tentam, no momento, figurar como paladinos da justiça e da correção, como se jamais soubessem das sacanagens conhecidas por todo o povo e que ocorrem até nas mais longínquas e pequenas cidades. Portanto, é tudo uma grande enganação, na qual surgem ídolos de areia, que se desfazem com a mais leve brisa. Por isso, digo que não espero nada. Assumi a ideia de que fosse mais importante pensar no que fazer pelo país, do que ficar tentando sugá-lo. Portanto, nunca fiquei sonhando à espera de benefícios. Fiz minha parte, ensinei aos mais jovens, paguei meus impostos, acreditando que esse fosse o meu dever e que dele iria advir a recompensa de uma velhice segura. A moça o olhava atônita, sem expressar reação.

Com o olhar sereno, mas semblante sério o homem da terceira idade complementou:

— Nesse país seria preciso que todos fossem tragados pela terra e que dela brotasse um povo novo. Talvez, aí houvesse alguma chance. No entanto, isso nem eu nem você veríamos, pois seria necessário que todos nós desaparecêssemos.



As Perdas

Notei o ânimo diminuir.
Natural, era a idade a seguir.
Mas em um momento senti,
que não era questão de tempo.

Mais do que isso existia
uma perda do que antes se vivia.
Seria apenas o partir da juventude?
Esvazia-se tão rápido a esperada maturidade?
Talvez fosse a chegada da velhice?

Não, nada disso explicava a depressão.
Então, tenta-se buscar alguma motivação,
porém, não se encontra uma verdadeira razão.
Por que procurar razões?
Delas não necessita a nossa própria razão.
Encare com firmeza a real situação.
Nada mais é do que o caminhar da vida,
que consigo leva embora a vã ilusão,
deixando às claras, a realidade a ser vivida.

Não é tristeza nem depressão.
Não é abatimento ou frustração.
Não é angústia ou desilusão.
É apenas o contato real com a razão,
coisa a ser encarada sem apreensão.
Basta manter aberto o coração.
Mas por que tantas perdas?
Por que assistir tanta dor?
Queria entender o motivo,
mas não encontro explicação.
Serei eu um fraco sem objetivo?
Ou de mim foi arrancada a motivação?
Nada disso é, na verdade, real.
O mundo não é e nunca foi ideal.
Entre coisas alegres e felizes
ou momentos de luz e calor,
sempre existe à espreita
uma inimiga invisível e cruel,
que de um momento para outro
consegue arrancar seu coração



A História de Todas Nós

Muito me agrada essa teoria de que o tempo não corre de forma linear como se fosse um trem nos trilhos, ou um carro numa rodovia. Diferentemente disso, os físicos andam afirmando que as coisas acontecem todas ao mesmo tempo e vão se interligando, se exibindo de acordo com as conveniências e de quem estiver interessado em considerá-las realidade.

Se isso parece complicado, mais complicado ainda é olharmos para algum fato marcante que aconteceu no nosso passado e nos espantarmos com a velocidade com que o tempo se passou desde o acontecido.

Acostumei-me a nunca levar em consideração o tempo, por isso. Pois, muitas vezes, ele é assustador. E quando assim acontece, costumamos dizer:

— Parece que foi ontem.

Consideremos que ontem foi agosto de 1998 e eu me encontrava na bela Rosário, uma emblemática cidade da Argentina, onde nasceu e clinicou o Dr. Ernesto Guevara de la Serna, o Che. Lá eu participava de um importante Congresso Internacional de Escritoras, com representantes dos cinco continentes falando todas as línguas do mundo. Parecia a Torre de Babel. Todas eram brilhantes e famosas e, por isso, o resultado dos trabalhos foi excelente. Eu estava encantada entre aquelas coisas que a razão não enxerga. O privilégio da Literatura nos ligava. Uma energia de poder e criatividade nos conduzia naturalmente a gerar magníficas ideias.

Então, foi proposta e aprovada a criação de uma REDE Internacional de Escritoras, que abrigaria várias redes continentais para melhor fluidificar as comunicações. Quando fomos pôr em prática a rede sul-americana, deparamos com uma dificuldade chamada Brasil: um país diferente, de dimensões espantosas, que falava uma língua incomum e as mulheres, além de formarem uma população superior à de muitos países ali representados, eram indecifráveis.

Devido a tanto, concluíram que nós, as brasileiras, me-

recíamos ter a nossa própria rede para melhor participarmos da malha global. Assim ficou acertado. E foi nessa hora que todos os olhares se voltaram para mim. Daí eu disse:

— Sim. Está bem. Vou fundar uma rede de escritoras brasileiras para fazer a interface com as demais redes. Quem não me conhecia, não se espantou, por não considerar que eu estivesse falando sério. E quem me conhecia também não se espantou, pois já sabia que não poupo nenhum esforço quando creio.

Estava consciente de que o fruto daquela decisão seria meu companheiro por toda vida, como o é até hoje: a REBRA.

No voo de retorno a São Paulo, desenhei todo o projeto da nova associação. Fiz a lista das pessoas a quem eu iria pedir apoio e, quando desembarquei, já sabia por onde começar. O que eu não sabia era que a REBRA já estava latente no coração das escritoras brasileiras e, por isso, teve seu quadro de associadas velozmente preenchido por talentos literários chegando de todas as regiões do país, fato apenas justificado pela permissão de Deus. Rapidamente fomos preenchendo os espaços abertos pelo ranço machista que não se permite acreditar que as mulheres são aptas a exercer, com mestria, a arte literária, desde que sintam que isso as ilumina.

Cada uma que chegava, vinha repleta de sonhos e esperanças, pressentindo que iniciavam uma mudança. E assim se fez a REBRA.

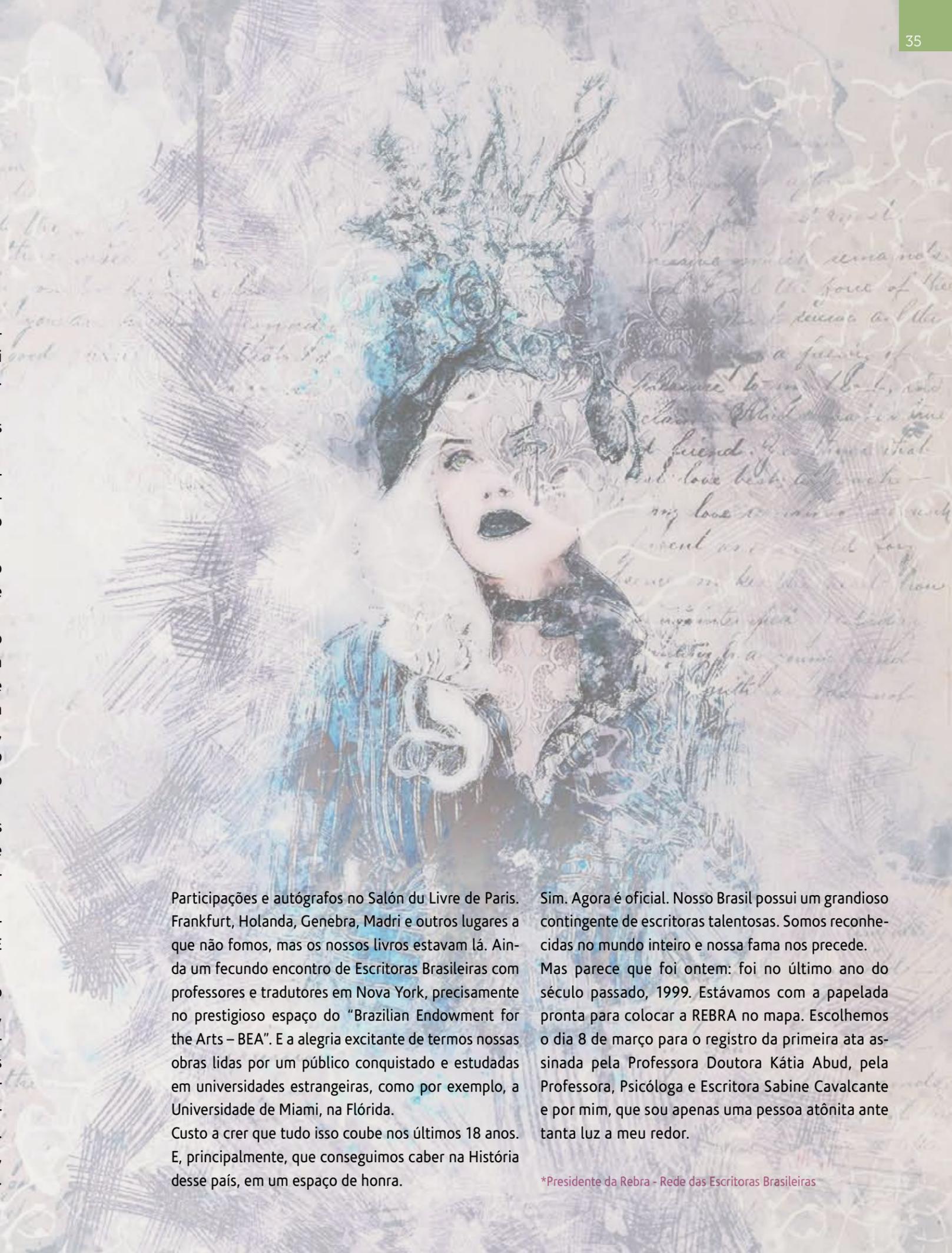
As conquistas foram se acrescentando: a criação do SER-Selo Editorial REBRA e as antologias anuais que, paulatinamente, foram angariando respeito e admiração, gerando oportunidade para nossas associadas encontrarem seu público e alimentá-lo de encanto por meio de seus textos. Em seguida, a emoção de ter nossos trabalhos traduzidos para o francês e outras línguas.

A participação nas Bienais de São Paulo, Fortaleza, Rio de Janeiro, São José do Rio Preto e daí por diante.

Participações e autógrafos no Salón du Livre de Paris, Frankfurt, Holanda, Genebra, Madri e outros lugares a que não fomos, mas os nossos livros estavam lá. Ainda um fecundo encontro de Escritoras Brasileiras com professores e tradutores em Nova York, precisamente no prestigioso espaço do “Brazilian Endowment for the Arts – BEA”. E a alegria excitante de termos nossas obras lidas por um público conquistado e estudadas em universidades estrangeiras, como por exemplo, a Universidade de Miami, na Flórida. Custou a crer que tudo isso coube nos últimos 18 anos. E, principalmente, que conseguimos caber na História desse país, em um espaço de honra.

Sim. Agora é oficial. Nosso Brasil possui um grandioso contingente de escritoras talentosas. Somos reconhecidas no mundo inteiro e nossa fama nos precede. Mas parece que foi ontem: foi no último ano do século passado, 1999. Estávamos com a papelada pronta para colocar a REBRA no mapa. Escolhemos o dia 8 de março para o registro da primeira ata assinada pela Professora Doutora Kátia Abud, pela Professora, Psicóloga e Escritora Sabine Cavalcante e por mim, que sou apenas uma pessoa atônita ante tanta luz a meu redor.

*Presidente da Rebra - Rede das Escritoras Brasileiras





Sobre a Poesia que Vende

Uma ideia já antiga, realista e ao mesmo tempo estratégica, de que “poesia não vende”. Ainda não está muito claro se isso seria uma vantagem ou uma desvantagem para a poesia. Mas o fato é que os livros de poesia costumam ser recusados por livreiros e, vconsequentemente, olhados com polida antipatia quando apresentados aos editores. Alega-se desinteresse do público. Segundo uma discussão curiosa, especula-se se seriam 300 ou 3.000 os leitores de literatura contemporânea, no Brasil. A estimativa é tão incerta quanto impraticável, uma vez que leitores de poesia não leem poesia apenas em livros nem compram necessariamente os livros que leem. De resto, a internet complicou de uma vez por todas esse tipo de cálculo.

A ideia do desinteresse em relação à poesia refere-se, portanto, em primeiro plano, não exatamente à leitura, mas à venda de livros (2% do mercado de livros de ficção, em 2012). Ainda aí há complicações. Em 2013, a tese da marginalidade mercadológica tornou-se algo insólita com o best seller de Paulo Leminski, *Toda poesia*, publicado pela Co. das Letras, livro que chegou aos 100 mil exemplares vendidos em pouco mais de um ano. Poética, de Ana Cristina Cesar, também não fez feio e seguiu-se a ela outra compilação, de Wally Salomão, no setor de “clássicos” contemporâneos ainda não “resgatados” (como disse uma das editoras da casa). A poesia portanto é resgatável, também comercialmente.

Outros editores, inclusive pequenos, vêm mostrando um interesse já consolidado pela poesia, publicando-a “discretamente”, não raro de modo artesanal. A situação, bem diferente do aberto descaso de que sofria o gênero há algumas décadas, merece atenção do ponto de vista crítico e editorial.

A Co. das Letras tem sua especificidade. Ao lado dos poetas ligados ao pop dos anos 1970, a editora vem publicando também sucessos modernistas já estabelecidos, como Vinícius de Moraes. A compra dos di-

reitos de publicação de Drummond, em 2012, foi um acontecimento importante na agenda comercial do livro. O lançamento, em 2017, das *Poesias reunidas* de Oswald de Andrade e a previsão de lançamento da poesia completa de Hilda Hilst parecem indicar uma nova estratégia. Nota-se que a tentativa de atribuir glamour comercial à poesia, apoiada no aparato da publicidade, tem sido capaz de mobilizar setores especializados da mídia e a atenção dos festivais.

Com exceções pontuais, a Co. das Letras sempre publicou poesia esparsamente. Com relação à poesia brasileira, a consolidação do catálogo é ainda mais recente e a escolha de autores, relativamente arbitraria. Se a publicação de poesia pode ser vista como uma concessão que se faz a determinados círculos intelectuais, como um verniz de civilidade dentro da lógica de mercado, gerando “sucesso de estima”, não se pode menosprezar a tendência da incorporação ao catálogo de nomes do showbiz, de tudo aquilo que circula bem nas colunas e nas redes sociais. De Gregório Dudivier e Arnaldo Antunes a Fernanda Tor-

res, isso é perceptível não apenas no caso da poesia. Mas a notícia de uma antologia de poesia brasileira contemporânea organizada por Adriana Calcanhoto não deixa de ser bom exemplo dessa estratégia, que visa associar ideia de livro e ideia de produto.

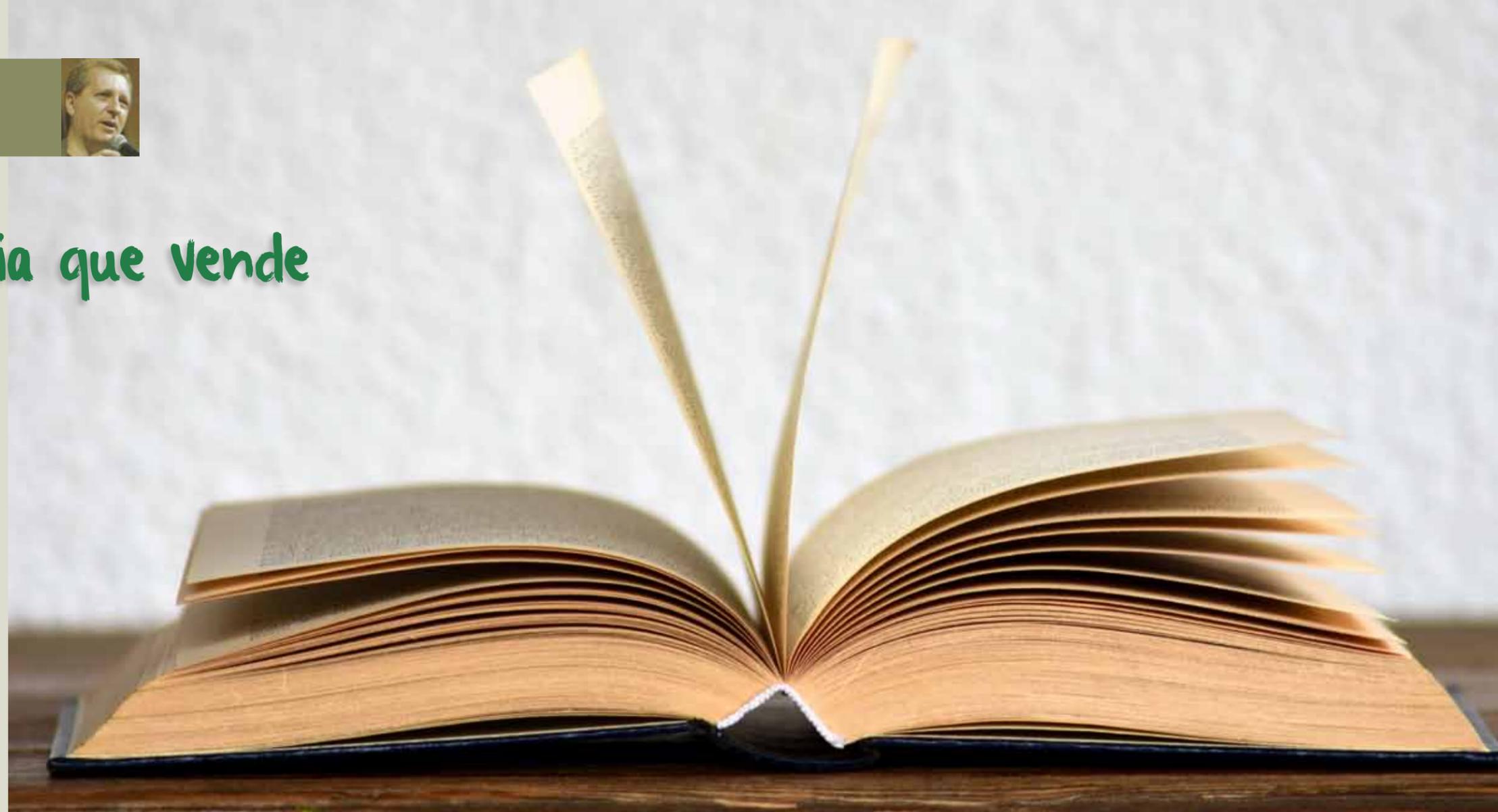
Não acredito que se possa contestar, como formulação de princípio, o trabalho de dar publicidade a um bom livro. Há um risco real, entretanto, em transformar em critério editorial traços característicos da lógica do marketing, ou seja, daquilo que procura adequar-se à previsibilidade do gosto do público (dito “médio”) ou, pior, de um desejo de compra (esfera da sedução de produto). Não há receita para saber o que é boa literatura. Nem as políticas editoriais são tão lineares. Mas há um problema quando o projeto de livro limita-se à opção entre gerar o produto novo e reciclar o produto fora de catálogo. Outras variantes precisariam ser consideradas, como os debates em curso sobre problemas contemporâneos, as questões de crítica e história literária, a natureza das discussões sobre a poesia, a situação editorial dos princi-

pais livros da poesia brasileira, a relação da edição com o ensino, a presença da poesia internacional na produção literária, o tipo de leitor que queremos constituir.

A impressão é que a dimensão pública da poesia é minimizada pelos editores. Basta ler as orelhas, as entrevistas, considerar determinadas intervenções na mídia para se perceber uma espécie de afetação pessimista a esse respeito. Quando se transforma em descaso intelectual, apartado do ambiente no qual as obras circulam, acaba por justificar o que se assemelha a um niilismo mercadológico, que exaure determinados espaços para poder reocupá-los, legitimando seus objetos pela mera exposição no espaço público.

Mimetizada pelos próprios autores, em outras circunstâncias, a postura causa consternação. Mas naturalizada como modus operandi da literatura, suas consequências podem ser ainda mais desastrosas. Valeria a pena avaliar se isso nos basta como vida literária.

*Ocupa a cadeira nº 18 da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura





A Trajetória da Mulher ao Longo dos Tempos

A Ciência concorda, quase unanimemente, que nosso sistema solar nasceu do adensamento de uma nebulosa – mistura de nuvem de gás e poeira, conhecida por isso como poeira cósmica – que girava em torno de uma estrela a que chamamos hoje Sol. Em termos de tempo, falamos de cerca de 4,5 bilhões de anos, ou seja, 4.500.000.000 e muitos, se comparados aos nossos atuais 2017 da era cristã.

Nos seis períodos de tempo que a mesma Ciência chama de Eras, tem-se a subdivisão em períodos. Vivemos no quarto período da era cenozóica, iniciado há 65 milhões de anos. Este período marca as formações dos Alpes, dos Andes e do Himalaia; dos vulcões; de uma grande variedade de plantas e animais assustadores como o mamute e o mastodonte, ancestrais do elefante que conhecemos. Mais tarde, vieram o cavalo, o rinoceronte e o camelo, seguidos dos gatos, cachorros e tigres. Neste complexo, regidos pela lei natural da preservação de espécie, surgiu o ser humano, a mais extraordinária das espécies porque só a ela foi dada a capacidade de se comunicar através de palavras.

Resta indefinido tal surgimento nos tempos, mas presume-se que o homem tenha aparecido em nosso planeta no fim do período terciário ou início do quaternário (em que estamos), quando a Terra passava pelos últimos retoques diluvianos, há cerca de 4 milhões de anos. Com base nesta teoria estipulou-se que se chamaria Pré-História o período anterior ao aparecimento da escrita que se deu por volta de 4.000 anos a.C.

A Pré-História chega até nós através de achados arqueológicos, revelando-se que o homem pré-histórico, ao longo do tempo, conhecia o uso de armas e utensílios; sabia cultivar a terra e dela extraía o trigo, a cevada e a aveia; fazia pinturas e desenhos nas paredes de suas cavernas. Não mais nômade, o homem sedentário conseguiu domesticar ovelhas e gado, otimizando sua cadeia alimentar. Muito próximo de hoje, o homem neolítico (de 8.000 a 5.000 anos a.C.) já viajava por terra e mar e fazia parte de uma comunidade primitiva em que o solo pertencia a todos e a comunidade se baseava em laços de sangue, idioma e costumes.

Este “homo”, que reconhecia a diferenciação sexual entre homens e mulheres, respeitava o milagre da concepção e em decorrência dele foram extraídos os papéis do macho e da fêmea na procriação. Calcula-se que datam desta mesma época os conceitos de posse e de propriedade. Aqui a mulher passa a figurar na lista dos



bens masculinos a fim de que o macho garantisse a certeza de sua prole para quem deixaria o patrimônio adquirido. A preocupação com a transmissão da herança muda de forma definitiva os rumos do tratamento conferido à mulher, pelo homem.

Religiosamente, a mulher é citada na Bíblia como o segundo ser humano criado. No Velho Testamento, em Gênesis, parte que trata de As Origens e A criação, consta que:

“(26) Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, o qual presida aos peixes do mar, às aves do céu, às bestas e a todos os répteis que se movem sobre a terra, e os domine em toda a terra. E criou Deus o homem à sua imagem.”

Em seguida, no item O Paraíso, continua o texto bíblico:

“(18) Disse mais o Senhor Deus “Não é bom que o homem esteja só: façamos-lhe uma ajudante semelhante a ele.

....

(21) Mandou pois o Senhor Deus um profundo sono a Adão: e quando ele estava dormindo, tirou Deus uma de suas costelas e pôs carne em seu lugar.

(22) E da costela que tinha tirado de Adão, formou o Senhor Deus uma mulher, que Ele lhe apresentou.”

Sem que adentremos a parte religiosa posto que nada mais justo que, entre tantas existentes, respeitemos cada concepção e prática sectárias, desejo ressaltar apenas uma expressão: “uma ajudante semelhante a ele”. Nós, mulheres somos, portanto, semelhantes ao homem, cada um – homem e mulher – com suas características próprias de conformação necessárias às suas funções na sociedade.

A palavra “homo”, etimologicamente vinda do hebraico Haadam, não é substantivo próprio. Significa “ser humano”, “homem”, em geral. Já que existiam as palavras “vir” para designar o macho e “femina” para a fêmea. As línguas, com seu critério formal, optaram por adotar o gênero masculino como predominante, seguindo os moldes sociais vigentes; e o gênero neutro, usado para denominar objetos inanimados ou dependentes do homem, encontrado e utilizado nas línguas antigas e extintas, tem sua trajetória definida ao desuso.

Esta colocação etimológica criou, na Idade Média, mais precisamente no Concílio de Mâcon, realizado em 585, um desentendimento histórico. Atribuiu-se a determinado bispo o questionamento de se poder ou não se aplicar à mulher o termo original “homo”. Mentos equivocadas distorceram a questão e tentaram sacramentar a discriminação entre homem e mulher já tão arraigada na sociedade, levantando a hipótese de que sequer alma a mulher possuísse, dada a diferenciação divina de sua criação.

No percurso da mulher pré-histórica, linda em seus trajes de pele cheirando ao animal abatido, dentes sem escovar, cabelos desgrenhados porque não havia condicionador nem xampu (e muito menos a bem-vinda chapinha!), insinuante em seu cheiro de fêmea, atrativa para que o macho a procurasse e a fecundasse, até a mulher dos dias de hoje, há que se concordar que mudamos muito.

Mas o homem também mudou bastante. Cortou seus cabelos, ficou menos peludo, está mais cheiroso, mais limpo, mais gentil. Modificou a maneira como nos puxava para dentro da caverna agarrando nossos lindos cabelos e passou a nos oferecer flo-

res e presentes. Para nos conquistar, seduzir ou nos recompensar, quem sabe?

Às primeiras mulheres pré-históricas, na fase da família multigeracional em que o sexo era usado para a reprodução e praticado pelo macho para satisfazer suas necessidades físicas, cabiam algumas tarefas primárias como a geração de filhos e sua amamentação, equiparando-se ao animal irracional que repele a cria assim que atinge a autonomia e torna-se independente para continuar sozinha sua luta pela existência.

Este fato social favoreceu o estado de subordinação ao homem que passou a se responsabilizar pela manutenção da família formada. Gerados os pressupostos de que a mulher era frágil, incapaz de se manter e de chefiar, o homem tornou-se líder nas tribos que se formavam, nos clãs sanguíneos que se isolavam, nas aldeias que procuravam se proteger pela união das forças.

Tanto que a mulher passou a ser considerada propriedade do homem, refletindo-se na própria Bíblia, ainda no Velho Testamento, no Decálogo de Moisés. Ressalto que, do primeiro mandamento em que se depreende a adoração ao Criador até os últimos aqui citados, a mulher está acima apenas imediatamente das propriedades materiais da época, na prioridade legislativa de então, quase que igualada a um bem material ou de forma submissa e restrita a objeto do desejo masculino, perpetuado nos milênios:

IX - “ Não desejeis a mulher do próximo”.

X – “ Não cobiceis a casa de vosso próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu asno, nem qualquer das coisas que lhe pertencam.”

A legislação humana dos últimos séculos, cópia ainda imperfeita da divina, tem dedicado à mulher papel obscuro, acompanhando a tendência social de se ter o homem como o mantenedor e protetor da família de uma sociedade claramente machista.

Nem mesmo a Ciência contribuiu para que a mulher conquistasse, por direito, um melhor espaço na sociedade.

Clinicamente atestada como “um homem incompleto” por Galeno, de Pérgamo, no século II, acreditava-se que os órgãos genitais masculino e feminino eram idênticos, com a única diferença de que o masculino tinha conseguido se projetar para a vida externa, enquanto o feminino continuava embutido.

O rito da morte em família não atingia somente o morto. Na Pré-História, com a morte do homem restava à mulher e à prole serem sepultadas com ele, já que não havia outra pessoa que se responsabilizasse por sua sobrevivência.

Em algumas culturas, após o enterro do marido, a mulher devia se suicidar, depois de matar os filhos. No último século ainda encontrávamos a mulher em condições melhores mas, não muito diferentes, sepultada em vida, quando o luto lhe era obrigatório para o resto da vida, coberta de preto e proibida de frequentar outro ambiente que não o seu doméstico.

Na antiga cultura celta, tanto quanto na egípcia e na babilônica, a mulher representava a força primária da criação, da natureza, sendo endeusada. Também assim outros povos cultuavam a mulher de forma quase divina, respeitando-lhe a capacidade única de gerar um filho.

Sua sensibilidade aguçada que a faz facilmente aproximar-se da divindade proporciona-lhe a vantagem de exercer influência sobre grandes homens na função de conselheiras. Pitonisas, magas e poetisas, médicas ou apenas companheiras, as mulheres sempre tiveram papel de destaque, equiparando-se aos homens e guardadas as suas proporções, mesmo que perseguidas como bruxas, como foram, na Idade Média. Diz o ditado popular que “por trás de um grande homem há sempre uma grande mulher.” Acredito nisto.

Em algumas culturas antigas, entretanto, a situação da mulher era outra. Em civilizações antigas ditas adiantadas, como a etrusca que primeiro habitou a península itálica, a mulher desempenhava funções de médica, cabendo-lhe as tarefas de manutenção da saúde familiar e pública. Eram livres para sair e frequentavam banquetes, participando, inclusive de decisões políticas.

Também na Grécia, a mulher espartana tinha liberdade para participar dos jogos, aparecendo em público, diversamente da mulher ateniense, mais voltada aos estudos e, por isso, dedicada a ambientes mais privativos.

Na atual família nuclear, estilo familiar que substituiu o tipo multigeracional primitivo, a mulher tornou-se um dos elementos constitutivos, colocando-se à altura dos demais membros. Tanto que, na Revolução Industrial iniciada na Inglaterra nos meados do século 19 e adotada em todos os cantos no século 20, a mulher teve papel de suma importância para que um passo marcante na sociedade ocidental fosse dado em direção a um futuro de maior igualdade de direitos, embora tal conquista a tenha sobrecarregado com a dupla jornada: a doméstica e a do trabalho fora do lar.

Atualmente, a mulher é vista, em nosso planeta, de forma genericamente positiva. De espírito competitivo, liberal e progressista, a mulher luta e consegue diminuir a distância estabelecida entre ela e o seu parceiro, o homem. Porque isto deve ser dito: a mulher sempre viu o homem como parceiro. Em alguns pontos do planeta, contudo, a mulher não encontrou ainda o espaço devido, como acontece no Oriente Médio, onde perdura o servilismo, e a inferioridade social feminina permite a prática da poligamia masculina, aplicando-se o critério da fidelidade a ela, mas não a ele.

Na Rússia, durante a cerimônia do casamento, o pai chicoteava a filha e, em seguida, passava o chicote ao novo marido, representando o poderio material sobre ela. No Japão, não muito distante no tempo, além de a mulher se dirigir ao marido como senhor, tinha que andar atrás do homem, como acontecia a nossas avós. Na Bíblia, a exigência era que a mulher tratasse o marido como “amo e senhor”.

Observemos apenas a questão do voto eleitoral, como exemplo de direito conquistado. A mulher passou a votar na Nova Zelândia em 1893; na Austrália em 1902; na Finlândia em 1906; na Noruega em 1913; Rússia em 1917. Na América do Sul, o Brasil foi o primeiro país a adotar o sistema, primeiramente acontecido no Rio Grande do Norte, em 1927. O Equador nos seguiu, em 1929.

Nossa legislação deu o direito de voto definitivo à mulher em 24 de fevereiro de 1932 com duas permissões especificadas: para a mulher casada, autorizada pelo marido e para a mulher solteira que tivesse renda própria. Tais restrições seriam derrubadas dois anos depois, em 1934.

Para uma civilização terrena que chegou a discutir se a mulher tinha ou não alma, se a mulher podia ou não trabalhar fora do lar aos dias de hoje, mudou muito o panorama feminino.

Na Literatura e nas Artes em geral, nas pesquisas científicas, nas posições de chefia ou não, a mulher tem se destacado de forma a assustar os homens. Confesso que não acredito seja este o propósito das mulheres.

Não sou feminista, partidária das teorias de Betty Friedan que, depois de lançar seu livro *A mística feminina*, em 1963, conseguiu cinco anos depois, no dia 7 de setembro de 1968, inflamar o espírito de cerca de 400 ativistas interessadas em queimar sutiãs, em frente ao local onde se elegeria a Miss América, em Atlantic City, como manifesto logrado contra a ditadura da beleza feminina a serviço do prazer masculino.

Admiro George Sand, mas não uso calças compridas para me equiparar ao homem senão para meu conforto em me vestir. Também não vivo no século 19, na França, nem sou a namorada de Chopin. Aprecio a literatura de Simone de Beauvoir que, em 1949, lançou *O segundo sexo*. Mas Simone tinha a seu lado e de mão estendida seu companheiro Sartre, o filósofo do existencialismo moderno.

No Brasil, ainda que não seja muito conhecida, temos nossa Joana d’Arc do sertão, Maria Quitéria. Nascida na Bahia em 1792, mesmo ano da Inconfidência Mineira, soube, na casa de seu pai, através de seus amigos, das lutas a favor da Independência do Brasil. Mesmo sem o consentimento do pai, vai para a casa da irmã casada, toma o nome do cunhado emprestado e se alista como Soldado Medeiros.

Descoberta sua feminilidade, é determinado por Silva Castro, avô de Castro Alves, que ela não se desligue, mas seja transferida da artilharia, onde queria lutar, para setor de armas mais leves. Lutou bravamente para morrer aos 53 anos, certa do dever cumprido.

Não menos valorosa foi Anita Garibaldi que arrebatou o coração do genovês Giuseppe Garibaldi e o acompanhou nas lutas pela unificação da Itália, mais recentemente. Outros nomes femininos brasileiros são motivo de orgulho e de exemplo a serem seguidos. De Nísia Floresta, a primeira feminista brasileira a este momento, muitas mulheres se projetaram no cenário brasileiro e merecem ser citadas: Bertha Luz, que em 1975 foi ao México representar o Brasil na Conferência da ONU pela criação do Dia Internacional da Mulher; Jerônima Mesquita, que lutou pelo voto feminino e criou o Movimento Bandeirante do Brasil; Chiquinha Gonzaga, música total; Dona Beja, Chica da Silva, Princesa Isabel, Anita Malfati, Rachel de Queiroz, Tarsila do Amaral, Carmen Miranda, Irmã Dulce, Carmen Prudente, Cora Coralina, Clarice Lispector. Tantas são as mulheres batalhadoras que não posso continuar o elenco. Teria que citar todo o universo feminino brasileiro, incluindo a nós, porque somos todas batalhadoras e construtoras da nova sociedade.

Se Ataulfo Alves e Mário Lago ganharam fama e dinheiro com sua canção “Ai, que saudades da Amélia”, em que lastimam a perda da antiga Amélia, modelo de mulher submissa, que não fazia exigências e consideravam que “aquilo sim é que era mulher!” encerro, sentenciando-lhes: Amélia, nós? Nunca mais!



Sentido do Carnaval

“Não me leve a mal,
hoje é Carnaval”

(canção carnavalesca)

Do italiano “Carnevale”, termo formado a partir da expressão do latim medieval *carnem vale*, que significa “adeus à carne”, o Carnaval é uma festa popular bem antiga, cuja origem pode ser encontrada nas festividades para comemorar a colheita da uva, a vindima, em honra do deus do vinho (Dionísio), a mesma divindade sendo cultuada em Roma com o nome de Baco: as “bacantes” eram mulheres que participavam dos ritos orgíacos, as “bacanais”.

Na Idade Média, os católicos festejavam a terça-feira anterior ao início da Quaresma, os 40 dias de penitência antes da Páscoa, quando se comemoravam a morte e a ressurreição de Jesus Cristo. Ao longo deste período, era proibido comer carne. Por isso, na terça-feira chamada “gorda”, os italianos se esbaldavam em comer “polpette” (almôndegas), tomar vinho, dançar sensualmente, usando roupas provocantes e máscaras para que as pessoas não fossem identificadas.

O Carnaval passou a revestir-se de características próprias, conforme o tempo e o lugar. Na Europa, o melhor Carnaval é o de Veneza, famoso pelo desfile e baile de máscaras. No Brasil, sem dúvida, o Rio de Janeiro apresenta a melhor festa carnavalesca, apreciada no mundo inteiro, pelo desfile dos carros alegóricos em lugar fixo e apropriado, o sambódromo.

O Carnaval é uma forma de espetáculo sincrético, englobando música, dança e enredos cômico-dramáticos, de caráter ritual, em que não há separação entre ato-

res e espectadores, sendo vivido por todos. Durante a época carnavalesca há uma suspensão das leis sociais, das interdições morais, das regras normais de vida. Anulam-se a diferença de classes e de sexos, a hierarquia, a etiqueta, e se estabelece uma nova forma de relações inter-humanas, fundada no contato livre e familiar entre todos, sem medo de sanções. A língua italiana tem uma expressão que define bem essa liberdade: nel Carnevale, tutto vale (“no Carnaval, vale tudo”), cujo equivalente em português pode ser encontrado nos versos de uma marchinha carnavalesca: “Não me leve a mal, hoje é Carnaval”.

Entre os atos carnavalescos que legitimam o mundo não politicamente correto, às avessas, o mais importante é o rito da entronização de um bufão como Rei do Carnaval, imitando as “Saturnálias” romanas que colocavam no trono um escravo, servido e venerado por seus patrões. O ato ambivalente significava a relatividade de toda estrutura social, a elevação e a queda dos ídolos, a profanação do sagrado, a paródia dos valores sociais.

Na percepção carnavalesca do mundo são exaltadas as formas de contradições, que os franceses chamam “*mésalliances*”: a conjunção do masculino e do feminino, do sagrado e do profano, do alto e do baixo, do belo e do feio, do sublime e do vulgar. A identidade dos contrários e a não-identificação da pessoa é facilitada pelo uso da máscara ou da pintura do corpo com



cores berrantes. Predomina o vermelho, a mesma cor do fogo e do sangue, símbolo universal do princípio da vida e da força. Junto com a cor vermelha, nos folguedos do Carnaval é prestigiada a gordura, expressão da riqueza e da abundância. O Rei Momo é geralmente configurado como uma pessoa muito gorda, de faces rosadas, com um largo sorriso de prazer satisfeito.

O espírito carnavalesco está presente em quase todas as formas de arte, especialmente na Literatura. Sua primeira manifestação pode ser encontrada no “ditirambo”, o hino em honra ao deus Dionísio: um coro de pessoas “transformadas”, pois se sentiam possuídas pelo espírito divino. No estado de embriaguez, perdida a noção do passado familiar, cantavam e dançavam, dando vazão aos instintos mais primitivos.

O crítico russo Mikhail Bakhtin (1895-1975), na esteira da dicotomia “espírito apolíneo” (de Apolo, deus da luz e da ordem), em oposição ao “espírito dionisíaco” (de Baco, deus do vinho e da revolta), estabelecida pelo filósofo alemão F.Nietzsche, e da distinção contraditória entre o “superego” (as convenções sociais) e

o “id” (o instinto natural do indivíduo), formulada pelo psicólogo e neurologista austríaco S. Freud, detecta a presença de duas linhas de forças que dão formas à Literatura Ocidental.

A primeira, uma arte que ele chama de “monológica”, impregnada pelo espírito apolíneo ou conformista, em que predomina o princípio da ordem e da fidelidade a padrões sociais, religiosos e morais, e outra “dialógica”, perpassada pelo espírito dionisíaco da contestação. À essa segunda linha de força, ele chama de literatura “carnavalizada”, pela presença do espírito do Carnaval em muitas obras de arte que questionam a realidade em que vivemos: o diálogo socrático, a sátira greco-romana, a literatura picaresca, o Decameron de Boccaccio, o teatro de Shakespeare, o romance realista, a narrativa do absurdo de Kafka, dando peculiar relevo à ficção de Dostoiévski. Entre os autores luso-brasileiros, podemos destacar a poesia de Fernando Pessoa e a prosa ficcional de Machado de Assis.

*Ocupa a cadeira nº 07 da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura



Água de Rio Preto é Mineral

São José do Rio Preto, com aproximadamente 480 mil habitantes, é atendida por um sistema público de abastecimento de água, onde circulam diariamente cerca de 120 milhões de litros/dia.

Este imenso volume é constituído por água subterrânea retirada do sistema aquífero Bauru, do Guarani e água superficial fornecida pelo rio Preto, obedecendo às seguintes porcentagens: 40%; 30% e 30%, respectivamente, o que equivale a 48 milhões de litros/dia, 36 e 36 milhões de litros/dia, nessa ordem.

Considerando-se o índice de 150litros/dia/per capita, estabelecidos pela ONU como desejável, esse volume de água daria para abastecer uma população de quase 1 milhão de pessoas.

Que bom seria se fosse assim, simples. Na verdade, existem muitas perdas. Mais de 40% da água tratada, consumo elevado lá na ponta consumidora, entre outros fatores, alteram profundamente a equação.

Mas, o meu objetivo não é tratar dessa questão aqui neste artigo. Interesse-me por aquilo que o nosso sistema de abastecimento tem de mais notável, talvez um dos únicos no mundo inteiro em termos de abastecimento público de água: a qualidade físico-químico-medicinal de grande parte dessa água.

Oito poços profundos vão buscar água lá nas entranhas da terra, a mais de 1.100 metros de profundidade, despejando aqui em cima cerca de 36 milhões de litros/dia de uma água especial. Especial em tudo: especial pelo volume, especial pela temperatura, especial pelas suas características físicas e, sobretudo, especial pela sua composição química. Esta é a água bombeada do sistema aquífero Guarani, o tão decantado reservatório de água do Cone Sul.

São águas com temperaturas de 40 a mais de 50°C, com pH bastante alcalino, pouco acima de 10, com concentrações elevadas de minerais dissolvidos (mais

de 210 mg/L), grande concentrações de carbonatos e bicarbonatos e com minerais raros e de importância medicinal comprovada, como Fluoretos, Vanádio e Lítio, especialmente. Submetidas ao crivo da autoridade legal competente, a quem compete liberar a exploração de água no Brasil, o DNPM (Departamento Nacional de Exploração Mineral), essas nossas águas acabam recebendo o pomposo título de “água mineral alcalino-bicarbonatada cálcica- fluoretada-vanádica e hipertermal na fonte”. De acordo com o Código de Águas (Decreto-Lei nº 7.841, de 08/08/1945), são verdadeiramente águas minerais “aquelas provenientes de fontes naturais ou de fontes artificialmente captadas que possuem composição química ou propriedades físicas ou físico-químicas distintas das águas comuns, com características que lhes confirmam uma ação medicamentosa”. Já em seu capítulo 3º são definidas as águas potáveis de mesa como “as águas de composição normal provenientes de fontes naturais ou de fontes artificialmente captadas, que preenchem tão somente as condições de potabilidade para a região”. Quando a gente consulta os crenologistas (Crenologia é o estudo das propriedades medicinais das substâncias encontradas na análise físico-química das águas minerais), aprendemos que as águas alcalino-bicarbonatadas são indicadas para doenças estomacais: gastrites e úlceras gastroduodenais, hepatite, diabetes e doenças cardiovasculares. Seu pH alcalino funciona como tampão contra a acidez estomacal; a temperatura da água bombeada, em geral, variando de 40 a 45°C, a torna excepcional matéria-prima para o turismo termal. Muitos bairros da cidade acabam tendo redução do consumo de energia elétrica, recebendo água com temperaturas próprias para banho. Possui fins terapêuticos no tratamento de algumas enfermidades, destacando-se as cutâneas.

Os romanos tinham paixão pelos banhos, era costume nacional. Mais do que medida de higiene, afora o prazer do banho quente, para eles era revigorante fisicamente e proporcionava cura preventiva. O período áureo dos banhos públicos aconteceu no tempo de Constantino (251-337), quando a “Cidade Eterna”, por cálculo aproximado, possuía 11 termas populares, 926 particulares e cerca de 2.000 fontes. A paixão pela balneabilidade se confundia com os processos terapêuticos. Plínio, o Antigo, escreveu: “durante seiscentos anos os romanos não conheceram outro médico senão o banho”.

O silício, também abundante em nossas águas, é a alegria dos profissionais que utilizam a água para o tratamento de pele (crenoterapia). É ele que dá aquela sensação de água oleosa sobre a pele.

O teor de fluoretos é relativamente alto, em torno de 0,45 – 0,55 mg/L, o que economiza insumos para sua fluoretada pública.

Mas o grande diferencial da água que os oito “poços” do Semaé injetam na rede de distribuição é a presença do elemento químico chamado Vanádio. A literatura especializada fala maravilhas das propriedades desse mineral, muito raro como elemento da crosta terrestre.

Entre muitas outras propriedades, destacam-se as seguintes: moderador das oxidações orgânicas, retardando o processo de envelhecimento; auxílio ao metabolismo dos carboidratos e lipídios (gorduras), o que proporcio-

na a diminuição do colesterol e triglicerídeos; auxílio no tratamento de diabetes; estimula a captação de glicose de forma semelhante à insulina; ajuda a desobstruir artérias; ideal para quem tem problemas coronários.

Juntamente com o pH alcalino, auxilia na diminuição do acúmulo de ácido úrico nas vias urinárias. Possui efeito dermatológico e cicatrizante. Esteticamente, proporciona brilho aos cabelos. Utiliza a mesma via de transporte e absorção do ferro. Assim, atua no auxílio das anemias globulares. Diminui o cansaço físico e mental, causando uma sensação leve e de bem-estar. Um excelente antiestressante. O Vanádio atua de forma benéfica em órgãos como o fígado, pâncreas e vesícula, pois diminui a síntese do colesterol. Uma verdadeira panaceia.

Em conclusão, água do aquífero Guarani é água mineral na acepção do termo e tecnicamente classificada como água mineral alcalino-bicarbonatada fluoretada vanádica e hipertermal na fonte. É um tipo de água mineral dos mais raros do mundo.

Em época de crise hídrica, falar de uma cidade de 480 mil habitantes quase que totalmente abastecida por água mineral de amplo espectro medicinal e turístico pode até soar romântico, mas não é.

*Ocupa a cadeira nº 05 da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura





A Arte de Retratar

EXPOSIÇÃO DE OBRAS DO ARTISTA DANILO PASSARINI 2014-2017

HPER-REALISMO. Mais que realismo! É esse efeito de admiração que a pintura de Danilo Passarini provoca. Aí está o cerne de sua arte: gerar um efeito de realidade que instiga a percepção do receptor, levando-o, ao mesmo tempo, a refletir sobre o problema fundamental da arte - a representação.

É uma pintura que desafia a fotografia, considerada o seu ponto de partida e de superação. Nessa busca de similitudes, ganha a habilidade do pintor. O detalhamento paciente até encontrar o efeito perfeito do tom, da técnica, da textura da tez e o teor do rosto retratado.

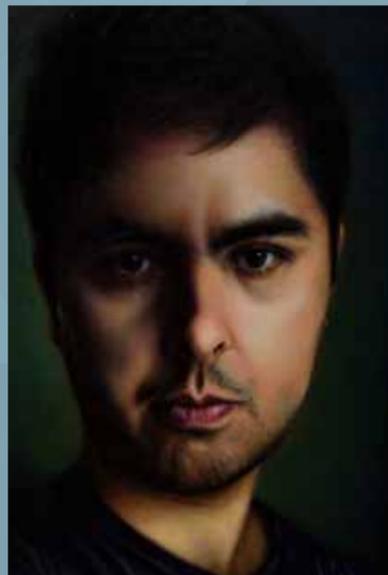
No lugar da impressão precisa no papel, a expressão hábil do pincel, do traço, da tinta e da cor na tela. Num

espaço em que o gesto da mão reina, um tempo que contempla a duração da dedicação. É a imagem deslocada de seu circuito habitual para o círculo da aura artística. Uma tela singular.

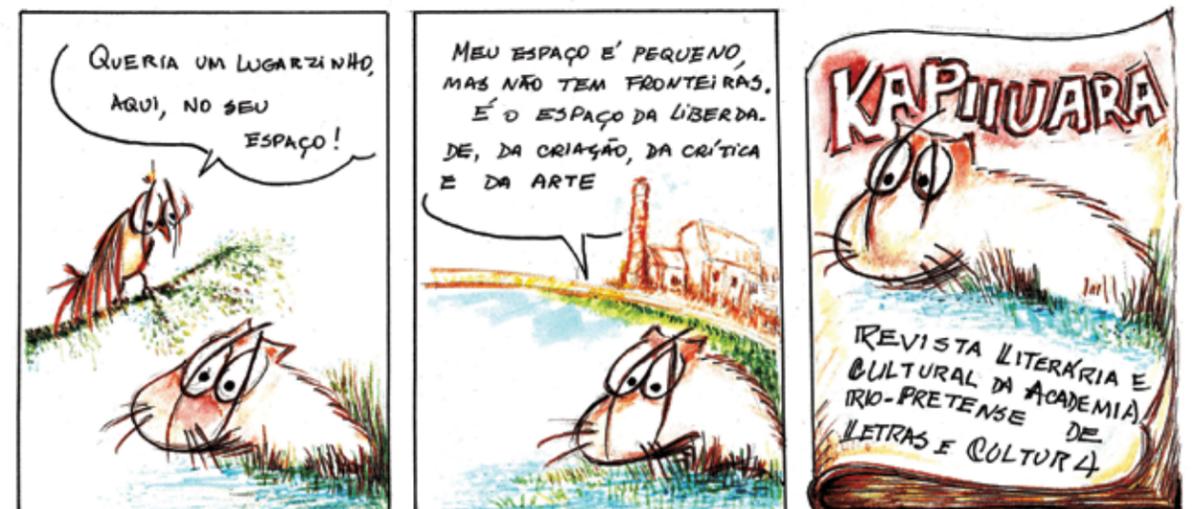
Por ter um compromisso de fidelidade e ser uma interpretação minuciosa do referente, real ou fictício, essa arte expõe deliberadamente o seu objeto: parecer mais real que o real. Assim como expõe o objeto retratado: o ser que se revela no parecer.

Isso é arte. A arte de simular um efeito de sentido figurativo, tentando dissimular a ilusão na representação da realidade.

*Ocupa a cadeira nº 21 da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura



ARLEQUINA-



DATAS COMEMORATIVAS

JULHO

2 – Nascimento da escritora Zélia Gattai, em São Paulo, SP, em 1916

3 – Nascimento do escritor José Lins do Rego Cavalcanti, Engenho Corredor, município de Pilar, Paraíba, em 1901

7 – Nascimento do poeta, jornalista, contista e teatrólogo Artur de Azevedo (Artur Nabantino Gonçalves Belo de Azevedo), em São Luís, MA, em 1855

9 – Nascimento do poeta Joaquim de Sousa Andrade, Vila dos Guimarães, MA, em 1833

11 – Nascimento de Sérgio Buarque de Holanda, em São Paulo, SP, em 1902

12 – Nascimento do jornalista, contista, novelista, romancista e ensaísta Orígenes Lessa, em Lençóis Paulista, SP, em 1903

20 – Sessão Inaugural da Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro, RJ, em 1897

22 – Nascimento do sociólogo, político marxista, professor e escritor Florestan Fernandes, São Paulo, SP, em 1920

25 – Dia Nacional do Escritor

26 – Nascimento do jornalista, poeta e ensaísta Cassiano Ricardo Leite, São José dos Campos, SP, em 1895

26 – Nascimento do economista, escritor, pensador e político Celso Monteiro Furtado, em Pombal, PB, em 1920

30 – Nascimento do poeta Mário Quintana (Mário de Miranda Quintana), Alegrete, RS, em 1906

31 – Nascimento do jornalista e escritor Ignácio de Loyola Lopes Brandão, em Araraquara, SP, em 1936

AGOSTO

4 – Rachel de Queiroz: primeira mulher eleita para a Academia Brasileira de Letras, 1977

4 – Nascimento do jornalista e poeta modernista Raul Bopp, Tupanciretã, RS, em 1898

10 – Nascimento do escritor Jorge Amado, na fazenda Auricídia, distrito de Ferradas, Itabuna, BA, em 1912

10 – Nascimento do poeta Antônio Gonçalves Dias, Maranhão, em 1823

15 – Nascimento do escritor Bernardo Guimarães (Bernardo Joaquim da Silva Guimarães), Ouro Preto, MG, em 1825

20 – Nascimento de Cora Coralina (Ana Lins do Guimarães Peixoto Brêtas), em 1889

23 – Nascimento do jornalista e dramaturgo Nelson Rodrigues, Recife, PE, em 1912

24 – Nascimento do escritor Paulo Leminski, em Curitiba, PR, em 1944

SETEMBRO

2 – Dia Internacional do Livro Infantil

8 – Dia Internacional da Literatura

10 – Começa a circular o primeiro jornal impresso no Brasil, a Gazeta do Rio de Janeiro. De caráter oficioso, limita-se à publicação de atos oficiais e à transcrição de notícias estrangeiras, em 1808

10 – Nascimento do poeta, dramaturgo e escritor Ferreira Gullar (José Ribamar Ferreira), em São Luís, MA, em 1930

12 – Nascimento do escritor Álvares de Azevedo (Manuel Antônio Álvares de Azevedo), em São Paulo, SP, em 1831

12 – Nascimento do escritor Caio Fernando Loureiro de Abreu, em Santiago, RS, em 1948

20 – Fundação da Câmara Brasileira do Livro, em 1946

20 – Nascimento do escritor Sérgio Milliet (Sérgio Milliet da Costa e Silva), em São Paulo, SP, em 1898

25 – Nascimento do médico legista, antropólogo, etnólogo e ensaísta Edgar Roquette Pinto, no Rio de Janeiro, RJ, em 1884

29 – Nascimento do ator, escritor e dramaturgo Plínio Marcos, em Santos, SP, em 1935

OUTUBRO

4 – Dia Internacional do Poeta

5 – Nascimento de Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, em Umbuzeiro, PB, em 1892

8 – Nascimento do teatrólogo, poeta, músico, compositor e cantor Catulo da Paixão Cearense, em São Luís, MA, em 1863

9 – Nascimento do escritor e jornalista abolicionista José do Patrocínio (José Carlos do Patrocínio), Campos do Goytacazes, RJ, em 1853

9 – Nascimento do escritor, ensaísta, poeta e romancista Mário de Andrade (Mário Raul de Moraes Andrade), em São Paulo, SP, em 1893

12 – Nascimento do escritor, romancista e cronista Fernando Tavares Sabino, Belo Horizonte, MG, em 1923

12 – Dia Nacional da Leitura

13 – Dia Mundial do Escritor

15 – Nascimento de professor, sociólogo e diplomata Antônio Houaiss, Rio de Janeiro, RJ, em 1915

19 – Nascimento do poeta, diplomata e compositor Vinicius de Moraes (Marcus Vinicius da Cruz Mello de Moraes), Rio de Janeiro, RJ, em 1913

19 – Nascimento do romancista, contista e teatrólogo Dias Gomes (Alfredo de Freitas Dias Gomes), em Salvador, BA, em 1922

20 – Dia Mundial da Poesia e do Poeta

24 – Nascimento do caricaturista, desenhista e publicitário Ziraldo Alves Pinto, Caratinga, MG, em 1932

26 – Nascimento do antropólogo, escritor e político Darcy Ribeiro, em Montes Claros, MG, em 1922

27 – Fundação da ABDL – Associação Brasileira de Difusão do Livro, em 1987

27 – Nascimento do escritor Graciliano Ramos de Oliveira, em Quebrângulo – AL, em 1892

29 – Dia Nacional do Livro

29 – Criação da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ, em 1810

31 – Nascimento do poeta, escritor, cronista e jornalista, Carlos Drummond de Andrade, Itabira, MG, em 1902

NOVEMBRO

4 – Nascimento do jornalista, jurista e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, Clóvis Beviláqua, Viçosa, CE, em 1859

5 – Nascimento do escritor, advogado, jornalista, político, diplomata, ensaísta, jurista e orador Rui Barbosa de Oliveira, Salvador, BA, em 1849

5 – Nascimento do teatrólogo Martins Pena (Luís Carlos Martins Pena), no Rio de Janeiro, RJ, em 1815

7 – Nascimento da escritora Cecília Meireles (Cecília Benevides de Carvalho Meireles), Rio de Janeiro, RJ, em 1901

17 – Nascimento do jornalista, cronista, romancista e crítico literário Manuel Antônio de Almeida, Rio de Janeiro, RJ, em 1831

17 – Nascimento da escritora e acadêmica Rachel de Queiroz, Fortaleza, CE, em 1910

19 – Nascimento do escritor português José Saramago, Prêmio Nobel de Literatura, em 1922

23 – Dia Internacional do Livro

24 – Nascimento do poeta João da Cruz e Sousa, em Florianópolis, SC, em 1861

27 – Fundação da Academia Paulista de Letras, em 1909

27 – Nascimento do jurista, professor, político, historiador, crítico, ensaísta e memorialista Afonso Arinos de Melo Franco, em Belo Horizonte, MG, em 1905

Integrantes da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura

Cadeira nº 1

Ocupante: Romildo Sant'Anna
(Escritor – Diretor de Cinema)

Cadeira nº 2

Patrono: Alfredo L.C. Carvalho
(Escritor – Lexicógrafo – 6/5/2017)
Ocupante: Vaga

Cadeira nº 3

Ocupante: Agostinho Brandi
(Historiador)

Cadeira nº 4

Ocupante: Araguaí Garcia
(Artista Plástico)

Cadeira nº 5

Ocupante: Samir Felício Barcha
(Escritor – Pesquisador)

Cadeira nº 6

Ocupante: Cecília Demian
(Escritora – Jornalista)

Cadeira nº 7

Ocupante: Salvatore D'Onofrio
(Escritor – Ensaísta)

Cadeira nº 8

Ocupante: Lelé Arantes
(Escritor – Historiador)

Cadeira nº 9

Ocupante: Wilson Daher
(Escritor – Dramaturgo)

Cadeira nº 10

Ocupante: Maria Helena Curti
(Artista Plástica)

Cadeira nº 11

Ocupante: Domingo Marcolino Braile
(Escritor – Cronista)

Cadeira nº 12

Ocupante: Jocelino Soares
(Artista Plástico – Escritor)

Cadeira nº 13

Ocupante: Zequi Elias
(Poeta – Escritor)

Cadeira nº 14

Patrono: Antonio do Nascimento Portela
(Artista Plástico: 8/1/1920 – 23/2/2014)

Ocupante: Norma Vilar
(Artista Plástica)

Cadeira nº 15

Patrono: Edson Vicente Baffi
(Fotógrafo: 15/1/1952 – 23/2/2011)

Ocupante: Arif Cais
(Zoológico – Ambientalista)

Cadeira nº 16

Ocupante: Luiz Dino Vizotto
(Escritor – Biólogo – Pesquisador)

Cadeira nº 17

Patrono: José Luiz C. Casagrande

(Professor: 2/2/1935 – 22/2/2009)

Ocupante: Dulce Maria Pereira
(Escritora – Documentarista)

Cadeira nº 18

Ocupante: Marcos Siscar
(Poeta – Tradutor)

Cadeira nº 19

Patrono: Alexandre Caballero
(Filósofo – 11/1/1924 – 10/8/2011)

Ocupante: Vaga

Cadeira nº 20

Patrono: Guillermo De La Cruz Coronado
(Escritor – Poeta – 20/4/1921 – 9/2/2012)

Ocupante: Aguinaldo Gonçalves
(Poeta – Filólogo)

Cadeira nº 21

Patrono: Ferdinando Giovinazzo
(Poeta – Livreiro – 28/12/1919 – 13/1/2014)

Ocupante: Sérgio Vicente Mota
(Escritor – Pesquisador)

Cadeira nº 22

Ocupante: Waldner Lui
(Jornalista – Escritor)

Cadeira nº 23

Patrono: Jayme Signorini
Ocupante: Jayme Signorini
(Escritor)

Cadeira nº 24

Ocupante: Nilce Aparecida Lodi Rizzini
(Historiadora)

Cadeira nº 25

Ocupante: Wilson Romano Calil
(Escritor)

Cadeira nº 26

Patrono: Roberto Farath
(Pianista – 26/1/1933 – 21/5/2009)

Ocupante: Adib Abdo Muanis
(Cronista – Jornalista)

Cadeira nº 27

Ocupante: Antonio Manoel
(Poeta – Escritor)

Cadeira nº 28

Ocupante: José Luiz Balthazar Jacob
(Escritor – Romancista)

Cadeira nº 29

Ocupante: Rosalie Gallo Y Sanches
(Escritora – Poetisa)

Cadeira nº 30

Ocupante: Humberto Sinibaldi Neto
(Ator – Diretor de Teatro)

Cadeira nº 31

Ocupante: Hygia T. Calmon Ferreira
(Escritora – Poetisa)

Cadeira nº 32

Ocupante: Lézio Junior
(Caricaturista)

Cadeira nº 33

Ocupante: Paulo Cesar Naoum
(Escritor – Cientista)

Cadeira nº 34

Ocupante: Vera Paráboli Milanese
(Escritora – Poetisa)

Cadeira nº 35

Patrono: Carlos Daghljan
(Escritor – 11/1/1938 – 16/9/2016)
Ocupante: Vaga

Cadeira nº 36

Patrono: Nivaldo Paschoal Carrazzone
(Cronista – 28/2/1927 – 15/8/2012)

Ocupante: Nídia Puig Vacare
(Escritora – Tradutora)

Cadeira nº 37

Ocupante: Durval Noronha
(Escritor – Contista)

Cadeira nº 38

Ocupante: Paulo Di Tarso
(Maestro)

Cadeira nº 39

Ocupante:

Cadeira nº 40

Ocupante:

Cadeira nº 41

Ocupante: Antonio Carlos Del Nero
(Articulista – Fundador)

Cadeira nº 42

Ocupante: Antonio Florido
(Articulista – Fundador)

Cadeira nº 43

Ocupante: Paulo Coelho Saraiva
(Fundador)

Cadeira nº 44

Ocupante: Alberto Gabriel Bianchi
(Escritor – Memorialista – Fundador)



Cadeira nº 45

Ocupante: João Roberto Saes
(Fundador)

Membro Correspondente

Lamartine de Andrade Lima
(Salvador/BA)
(Escritor – Historiador)

Membro Correspondente

Isabel Ortega (Espanha)
(Diretora de Teatro – Agente Cultural)

Membro Correspondente

Antonio Caprio (Tanabi/SP)
(Escritor – Historiador – Escultor)

Membro Honorário

Norberto Buzzini
(Jornalista)

Membro Honorário

Lygia Fagundes Teles
(Escritora)

Membro Honorário

Pasquale Amato (Itália)
(Escritor – Historiador)

Membro Honorário

Fabio Lucas
(Escritor – Crítico Literário)

Convidados

Benedicto Silva
Walter Merlotto



Expediente

Academia Rio-pretense de Letras e Cultura – ALERC

Rua Saldanha Marinho, 3156 -
Centro - São José do Rio Preto – SP

REVISTA KAPIHUARA

Órgão oficial da ALERC

Edição nº 2 – Julho/Dezembro de 2017

Editor:

Deodoro Moreira

Revisão:

Cecília Demian

Editoração:

Ailton Marques

Impressão:

RR Tiguanã

Presidente:

Rosalie Gallo Y Sanches

Primeiro vice-presidente:

José Luiz Balthazar Jacob

Segundo vice-presidente:

Wilson Daher

Primeiro secretário:

Alberto Gabriel Biachi

Segunda secretária:

Maria Helena Curti

Primeiro tesoureiro:

Jayme Signorini

Segundo tesoureiro:

Waldner Lui

Diretor cultural:

Araguaí Garcia

Dir. de relações públicas:

Cecília Demian

Dir. de patrimônio:

Lelé Arantes

Conselho Fiscal

1 – Durval de Noronha Goyos Junior

2 – Nilce Lodi

3 – Antonio Florido

Suplentes

1 – Jocelino Soares

2 – Vera Marcia Paráboli Milanese

Dedicamos esta edição à memória de nossos colegas imortais:

Carlos Daghlian

Alfredo Leme Coelho de Carvalho

Antônio Cândido

ANÚNCIO